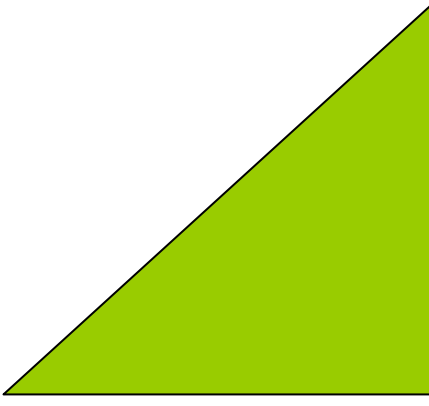


Amplitude e Profundidade dos Sistemas de Jogo em Futsal

Estudo comparativo entre os sistemas de jogo 4:0 e 3:1, em ataque organizado, adoptados pelas selecções Nacionais de Portugal e da Espanha no Mundial de Futsal, Brasil 2008.

Pedro Ricardo Almeida Oliveira

Porto, 2008



Amplitude e Profundidade dos Sistemas de Jogo em Futsal

Estudo comparativo entre os sistemas de jogo 4:0 e 3:1, em ataque organizado, adoptados pelas selecções Nacionais de Portugal e da Espanha no Mundial de Futsal, Brasil 2008.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, na opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta

Autor: Pedro Ricardo Almeida Oliveira

Porto, 2008

Oliveira, P. (2008) *Amplitude e Profundidade dos Sistemas de Jogo em Futsal. Estudo comparativo entre os sistemas de jogo 4:0 e 3:1, em ataque organizado, adoptados pelas selecções Nacionais de Portugal e da Espanha no Mundial de Futsal, Brasil 2008.*

Porto: FADEUP. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: AMPLITUDE; ATAQUE ORGANIZADO; DIRECÇÃO; FUTSAL; OBJECTIVIDADE; PROFUNDIDADE; SISTEMA 3:1; SISTEMA 4:0.

“Quem quiser de facto perseguir o sucesso, projectar-se para o futuro, tem de embrenhar-se no entusiasmante e ilimitado mundo do conhecimento humano”.

(Guerra, F. jornal A bola Fev. 2005)

“O jogo de qualidade tem demasiado jogo para ser ciência mas, por outro lado, é excessivamente científico para ser só jogo”.

(Frade, cit. por Carvalhal, 2002)

Agradecimentos

A elaboração deste estudo, apesar do seu carácter individual, não teria sido possível sem o apoio, colaboração e incentivo de quem me rodeou.

A eles desejo expressar a maior das amizades e o maior dos agradecimentos.

Ao Professor Júlio Garganta, que apesar de ter uma montanha de trabalho pela frente, conseguiu tempo para dar sugestões orientadoras para a realização do estudo.

Ao Professor João Brito, que com muita calma e disponibilidade me ajudou no tratamento estatístico.

À Professora Maria Manuel Friães, que de forma positiva, célere e rigorosa deu o seu contributo para a melhoria deste estudo.

Ao meu primo Marco, que me ajudou com o seu génio informático.

Ao meu amigo Joel Queirós, que mesmo distante foi parte activa deste estudo, através dos diálogos constantes, tal como o envio dos jogos da selecção de Espanha.

Não poderia deixar de agradecer ao João, Holstein, Melo, Pedro, Filipa, Sr. Gusto, Paulo da Lola, Tânia e à minha tia Margarida, pela disponibilidade demonstrada sempre que solicitada a sua ajuda.

Deixar uma nota de apreço a todos aqueles que de uma forma ou de outra me conseguiram transmitir motivação para a realização deste estudo.

OBRIGADO A TODOS!

Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice Geral	IV
Índice de Figuras	VII
Resumo	IX
Abstrat	XI
Índice de Abreviaturas	XIII
1-Introdução	1
1.1 - Pertinência e âmbito do trabalho	3
2 - Revisão da Literatura	5
2.1 - O Jogo de Futsal como Jogo de Equipa	6
2.2- Evolução dos sistemas de jogo	7
2.3 - Vantagens e desvantagens dos sistemas 3:1 e 4:0	10
2.4 - Processo Ofensivo – Quando e Como começa, Quando e Como termina	12
2.5 - Dimensão Tática no Jogos Desportivos Colectivos	15
3 – Metodologia	17
3.1 - Objectivos	18
3.2 - Hipóteses	18
3.3 - Caracterização da Amostra	19
3.4 - Metodologia de Investigação	19
3.5 - Protocolo de explicitação das variáveis em estudo.	20
3.6 - Procedimentos estatísticos	22
3.7 - Fiabilidade da observação	23
3.9 - Material utilizado	24
4 - Apresentação e Discussão dos Dados	25
4.1 - Resultados das acções ofensivas (ataque organizado) da selecção de Portugal	26
4.1.1 - Tempo de utilização dos diferentes sistemas durante o jogo	26
4.1.2 - Número de ataques organizados, remates e golos	27
4.1.3 - Número de passes nos diferentes sistemas de jogo em ataque organizado	29
4.1.4. - Média do número de passes e do tempo do ataque organizado nos diferentes sistemas	30
4.1.5 - Zona de efectuação do passe e comparação entre sistemas	33
4.2 - Resultados das acções ofensivas (ataque organizado) da selecção de Espanha	38
4.2.1 - Tempo de utilização dos diferentes sistemas durante o jogo	38

4.2.2 - Número de ataques organizados, remates e golos	39
4.2.3 - Número de passes nos diferentes sistemas de jogo em ataque organizado	40
4.2.4 - Média do número de passes e tempo de ataque organizado nos diferentes sistemas	42
4.2.5 - Zonas de efectuação do passe	44
4.3 - Comparação dos resultados das acções ofensivas (ataque organizado) das selecções de Portugal e de Espanha	46
4.3.1 - Tempo de utilização dos diferentes sistemas durante o jogo	46
4.3.2 - Número de ataques organizados, remates e golos	47
4.3.3 - Número de passes nos diferentes sistemas de jogo em ataque organizado	48
4.3.4 - Média do número de passes e tempo do ataque organizado nos diferentes sistemas	50
4.3.5 - Zonas de transmissão do passe, comparação entre as selecções	52
5 – Conclusões	55
7 - Sugestões para Futuros Estudos	59
8 - Referências Bibliográficas	61
9 – Anexos	67

Índice de Figuras

Figura 1 – Esquema representativo do sistema 3:1.	10
Figura 2 – Esquema representativo do sistema 4:0.	11
Figura 3 – Campograma.	22
Figura 4 – Variáveis observadas no teste de fiabilidade, intra-observador, número de acordos, desacordos e percentagem de acordos.	24
Figura 5 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai.	26
Figura 6 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção de Portugal no jogo contra a selecção de Itália.	26
Figura 7 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai.	27
Figura 8 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção de Portugal no jogo contra a selecção de Itália.	28
Figura 9 – Número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai.	29
Figura 10 – Número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal no jogo contra a selecção de Itália.	30
Figura 11 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal contra a selecção do Paraguai.	31
Figura 12 – Média do tempo de realização do ataque da selecção de Portugal contra a selecção do Paraguai.	31
Figura 13 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal contra a selecção de Itália.	32
Figura 14 – Média do tempo de realização do ataque da selecção de Portugal contra a selecção de Itália.	32
Figura 15 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 4:0, no confronto com a selecção do Paraguai.	34
Figura 16 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 3:1, no confronto com a selecção do Paraguai.	35
Figura 17 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 4:0, no confronto com a selecção de Itália.	36
Figura 18 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 3:1, no confronto com a selecção de Itália.	37

Figura 19 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Rússia.	38
Figura 20 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Itália.	39
Figura 21 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção de Espanha no jogo contra a selecção da Rússia.	39
Figura 22 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção de Espanha no jogo contra a selecção da Itália.	40
Figura 23 – Número de passes em ataque organizado da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Rússia.	41
Figura 24 – Número de passes em ataque organizado da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Itália.	41
Figura 25 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Espanha contra a selecção da Rússia.	42
Figura 26 – Média do tempo de realização de ataque organizado da selecção da Espanha contra a selecção da Rússia.	42
Figura 27 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção da Espanha contra a selecção da Itália.	43
Figura 28 – Média do tempo de realização de ataque organizado da selecção de Espanha contra a selecção da Itália.	43
Figura 29 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Espanha, no sistema 3-1, no confronto com a selecção da Rússia.	45
Figura 30 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Espanha, no sistema 3:1, no confronto com a selecção de Itália.	46
Figura 31 – Comparação do tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 das selecções de Portugal e Espanha, contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.	47
Figura 32 – Número de ataques organizados, remates e golos das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.	48
Figura 33 – Número total de passes em ataque organizado das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia, e Itália.	49
Figura 34 – Média do número de passes em ataque organizado das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.	50
Figura 35 – Média de tempo realizado em ataque organizado das selecções de Portugal e da Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.	51
Figura 36 – Zonas de realização sequências de passe das selecções de Portugal e da Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.	53

Resumo

O presente estudo teve como principal objectivo analisar e caracterizar o processo ofensivo, em ataque organizado da selecção portuguesa, em comparação com o da selecção espanhola, de modo a compreender a amplitude, direcção, objectividade, profundidade dos sistemas 4:0 e 3:1 utilizados pelas selecções de Portugal e Espanha.

A amostra integra as sequências de ataque recolhidas em quatro jogos, dois de cada selecção, no Campeonato do Mundo de Futsal, realizado em 2008, no Brasil.

No processo de análise destas duas selecções, conclui-se que Selecção de Portugal opta preferencialmente pelo sistema 4:0, ao contrário da selecção espanhola, que utiliza maioritariamente o sistema 3:1. Verificam-se ainda diferenças entre o sistema 3:1 da Espanha e o sistema 4:0 de Portugal, em ataque organizado, referente ao número total de passes, número médio de sequências de passe e ao tempo médio de realização de ataque. No entanto, estas diferenças só são estatisticamente significativas no que se refere ao número total de sequências de passe.

PALAVRAS-CHAVE: AMPLITUDE; ATAQUE ORGANIZADO; DIRECÇÃO; FUTSAL; OBJECTIVIDADE; PROFUNDIDADE; SISTEMA 3:1; SISTEMA 4:0.

Abstrat

This study had as its main objective review and characterize the process organized offensive attack in the Portuguese selection, compared with the Spain squad in order to understand the extent, direction, objectivity, depth of 4:0 and 3:1 systems used by teams in Spain and Portugal.

The sample includes the sequences of attack gathered in four games, two of each selection in the World Futsal Championship, held in 2008 in Brazil.

In the process of examining these two selections, it appears that selection of Portugal opted by the system preferably 4:0, in contrast to the Spain squad, which mostly uses the system 3:1. There are still differences between the system of Spain 3:1 and 4:0 system of Portugal, organized in attack, referring to the total number of passes, the average number of sequences of passes and the average time for completion of attack. However, these differences are not statistically significant in relation to the total number of sequences of passes.

KEYWORDS: EXTENT; ATTACK ORGANIZED; STEERING; FUTSAL; OBJECTIVITY; DEPTH; SYSTEM 3:1; SYSTEM 4:0.

Índice de Abreviaturas

AO – Ataque Organizado

JDC – Jogos Desportivos Colectivos

N.ºAO – Número de Ataques Organizados

N.ºP – Número de Passes

N.ºR – Número de Remates

Nº.PAO -Número de Passes em Ataque Organizado

PO – Processo Ofensivo

SAD – Sector Avançado Defensivo

SAO – Sector Avançado Ofensivo

SID – Sector Intermédio Defensivo

SIO – Sector Intermédio Ofensivo

SRD – Sector Recuado Defensivo

SRO – Sector Recuado Ofensivo

TJS – Tempo de Jogo no Sistema

TPB – Tempo de Posse de Bola

TRA – Tempo de Realização de Ataque

ZTP – Zonas de Transmissão do Passe

1 - Introdução

Nos dias de hoje, conhece-se o Futsal como uma modalidade distinta, com características próprias e com um potencial enorme para crescer. Prova disso, é a possibilidade desta modalidade poder vir a integrar os Jogos Olímpicos de Londres (2012). Mesmo não sendo uma certeza, esta possibilidade evidencia a importância que o Futsal vai assumindo nos dias de hoje.

Como referem Gomes e Machado (2001, p. 19), o Futsal aparece como Desporto através de uma estrutura em tudo idêntica à do Futebol. No entanto, podemos ver que esta tem características comuns a mais que uma modalidade: no plano táctico, os esquemas rudimentares 2:2, assemelham-se ao Hóquei em Patins; ao Basquetebol nos bloqueios (Oliveira, 1998). O Futsal assume uma especificidade, quando se verifica o recurso a situações de 1x1 no ataque; a utilização do guarda-redes como mais um elemento para a ajuda ofensiva, quando se verifica desvantagem no marcador; a rápida alternância entre situações de ataque e defesa (Chaves & Amor, 1998); a necessidade de haver jogadores polivalentes com elevada capacidade e rapidez de decisão (Lozano, 2001).

Podemos dizer que, na actualidade, o Futsal apresenta uma identidade própria e singular. Este é jogado por milhões de pessoas em todos os continentes, tanto como forma de lazer, como de desporto competitivo. No nosso país, esta é uma modalidade que tem tido um crescimento exponencial, quer no número de praticantes, quer na qualidade técnica e táctica. Prova disso, é a selecção de Portugal de Futsal, que cada vez mais é olhada como uma das potências do Futsal Mundial. Portugal entra agora, para as provas internacionais, não como uma selecção desconhecida, mas como um valor confirmado. O Campeonato Europeu de 2007, organizado por Portugal, é prova disso mesmo, chegando a selecção de portuguesa até as meias-finais, sendo eliminada na marca das grandes penalidades, contra aquela que se viria a sagrar campeã da Europa, a Espanha.

Quem sente e vive o fenómeno desportivo de alta competição sabe que a sua análise e compreensão apenas são atingidas com processos precisos e rigorosos. Já Gowan (1982), nos dizia para observarmos o jogo, pois através deste conseguiremos perceber os pontos fortes e fracos da nossa equipa. Depois de feita esta análise, passar ao treino, realçando os pontos fortes e

tentar fortalecer os pontos fracos, para que no final se atinja um equilíbrio nivelado por cima, ou seja, uma equipa forte em todos os campos.

“A complexidade dos jogos desportivos colectivos (JDC) determina a necessidade de o jogador realizar constantemente acções tácticas, as quais colocam grandes exigências ao seu sistema perceptivo-decisional, pois o envolvimento muda continuamente”. (Tavares, 1994, p.7). Sendo o Futsal um jogo desportivo colectivo, entendemos que este necessita de uma reflexão profunda, uma análise pormenorizada como forma de melhorar e evoluir.

No Futsal, existem diversas estratégias e sistemas tácticos nas movimentações defensivas e ofensivas. As variações de jogo são constantes (Voser, 2001).

É nas movimentações ofensivas que assenta o presente trabalho, com o intuito de verificar a amplitude, direcção, objectividade e profundidade dos processos ofensivos. Quando falamos em amplitude, direcção, objectividade e profundidade, estamos a pensar na relação que existe entre os processos utilizados pelas equipas (neste caso, selecções) e a forma como estes são conseguidos, mais directos à baliza adversária (objectividade, profundidade), ou pelo contrário, um jogo mais lateral não procurando a baliza adversária de uma forma linear (amplitude).

1.1- Pertinência e âmbito do trabalho

Este estudo visa caracterizar e conhecer os sistemas de jogo utilizados pelas selecções de Portugal e Espanha, no processo ofensivo em ataque organizado.

Desta forma, o presente trabalho sustenta-se na observação das sequências de ataque organizadas de quatro jogos (Portugal vs Paraguai, Portugal vs Itália, Espanha vs Rússia, Espanha vs Itália) do campeonato do Mundo de Futsal, Brasil 2008.

Optámos pela realização de um trabalho com esta temática por três razões: somos praticantes apaixonados pela modalidade; queremos ser parte integrante na evolução desta mesma modalidade; acreditamos que através do enriquecimento de cultura táctica, esta modalidade poderá crescer de forma mais rápida e “saudável”. O presente trabalho é constituído por quatro partes,

sendo a primeira dedicada à revisão da literatura, a segunda, à metodologia por nós adoptada, a terceira, à apresentação e discussão dos resultados e a quarta, às conclusões a que chegamos.

2 - Revisão da Literatura

2.1 - O Jogo de Futsal como Jogo de Equipa

Esta primeira parte da revisão da literatura tem como intenção enquadrar o Futsal nos jogos desportivos colectivos (JDC), bem como tentar perceber como é que este apareceu no panorama mundial, a forma como é visto e praticado nos dias de hoje, e as exigências que este provoca aos seus praticantes. A acrescentar a isto, gostamos ainda de dizer, que a modalidade de Futsal, é aquela que mais tem crescido no país entre todas as modalidades, praticada na escola, nas ruas e nos diversos pavilhões que existem no nosso país. Pode-se dizer que esta “se tornou moda”, passando agora em canal aberto nas televisões portuguesas, provando assim o crescimento e a relevância que tem sofrido nos últimos anos.

A modalidade que outrora se chamou Futebol de Salão, e que nos dias de hoje ganhou maior notabilidade com o nome de Futsal, tem duas correntes que divergem quanto à sua paternidade. Uns defendem que foi no Uruguai, outros que esta surgiu no Brasil. No meio destas divergências, existe uma convergência. Os brasileiros são os responsáveis directos pelo crescimento, expansão e organização da modalidade.

Oliveira (1998) afirma que, apesar de não esconder as suas origens, as afinidades entre o Futsal e o Futebol, parecem, cada vez mais, estabelecerem-se no plano técnico. Zego (1998, citado por Oliveira, 1998, p.20) chega a ser peremptório ao negar que, ao mais alto nível, a modalidade mais semelhante seja o Futebol. Como exemplo, este autor lembra uma experiência levada a cabo na década de setenta, entre as selecções brasileiras de Futebol de Salão e de Futebol. Esta última cederá claramente perante a especificidade das exigências físicas, tácticas e até técnicas do Futsal.

Com isto, percebemos que o Futsal é uma modalidade complexa, com exigências singulares.

Sampedro (1998) considera o Futsal, incluído nos JDC, como uma actividade complexa e dinâmica, devido à multiplicidade de dimensões que incidem directamente na acção sócio-motriz e no desenrolar do processo de jogo. O apelo à cooperação entre elementos de uma equipa com o intuito de ultrapassar a oposição da equipa adversária e o apelo à inteligência, enquanto capacidade de adaptação a um contexto em permanente mudança, constituem,

segundo Garganta (1995), dois dos principais princípios desta família de desportos.

O jogo tem uma lógica interna que o define. Este comportamento verifica-se no terreno quando o jogador se depara com situações reais de jogo, onde é “forçado” a recorrer a processos cognitivos de análise para posterior resposta. Este obriga a um reconhecimento constante, a antever situações de jogo para tirar conclusões na prática com o máximo de rapidez ou seja, perante a leitura táctica aplicar o melhor procedimento técnico (Teodorescu, 1984).

De acordo com Souza & Leite (1998, in Silva, 2002, p.10), “ (...) com a constante evolução das regras, sistemas e manobras de jogo, o Futebol tem-se tornado mais exigente em relação a aspectos cognitivos, psicológicos e motores dos seus participantes para resolução de problemas de jogo mais complexos”. No nosso entender, estas mesmas palavras são válidas para o Futsal.

Verifica-se assim, que um dos mais importantes objectivos que se coloca aos JDC, especialmente ao Futsal, é conseguir um elevado desenvolvimento táctico nas acções de cooperação (passe, drible, remate, movimentações) para atingir o objectivo (marcar/não sofrer golo), pois não é aquele que tem maior capacidade física ou técnica superior que vence, mas sim aquele que é capaz de perceber as variáveis, de as analisar correctamente e depois encontrar e executar tecnicamente a melhor solução (Bedola, 2003).

É notório que a dimensão regulamentar, táctica, energética e até técnica da modalidade, tem sofrido constante evolução que aponta para a consolidação de uma identidade única.

2.2- Evolução dos sistemas de jogo

O Futsal que se conhece nos dias de hoje, não é o mesmo que era aquando do seu nascimento. Este tem sofrido alterações, tem evoluído os seus sistemas de jogo, no sentido de melhorar e aperfeiçoar cada vez mais este mesmo jogo.

Para Oliveira (1998), ao longo dos anos, o Futsal foi sofrendo diversas modificações, apresentando-se hoje com uma dinâmica e uma estrutura completamente distinta.

Cada vez mais, o Futsal assume-se como uma modalidade singular, com regras, estratégias, sistemas e modelos próprios que fazem desta única.

Na perspectiva de Voser (2001), o sistema de jogo pode ser vista como a forma de dispor os jogadores em campo.

Para melhor entendermos todo este processo, passamos a descrever algumas das mudanças nos sistemas de jogo que ocorreram ao longo da história até aos dias de hoje.

Os sistemas de jogo, inicialmente, visavam sobretudo o processo ofensivo, negligenciando o processo defensivo. Com o passar do tempo, esta foi uma ideia que foi ficando de parte e as equipas começaram a pensar de forma mais racional o processo defensivo. Prova disso, é o sistema de jogo 2:2, um sistema que ainda hoje, é utilizado na iniciação de jovens como em grupos adultos sem experiências prévias em Futsal (Lozano, J. et al., 2002). Ainda na perspectiva dos mesmos autores, este sistema utiliza-se com crianças porque pressupõe uma ocupação racional do espaço.

Com o passar dos tempos, as equipas foram adoptando um sistema 2:2 ou “quadrado estático”, muito recuado no sentido se surpreender o adversário, utilizando predominantemente o contra-ataque. Para Sampedro (1996), este sistema é a forma mais eficaz para recuperar a posse de bola e finalizar de uma forma rápida, sempre que um jogador se incorpore no ataque pelo lado contrário.

O sistema de jogo 2:2 evolui mais tarde para 2:1:1, com linhas de ataque menos densas, mas mais profundas. É um sistema que cada vez se utiliza menos (Sampedro, 1997). Pontualmente vemos o sistema 2:2 ser utilizado em situações 4x3 (jogadores de campo).

Na procura de uma maior relevância no sistema ofensivo, surgem naturalmente as rotações, com trocas simples de posição entre atacantes e defesas. Surge então o sistema 3:1, que no nosso entender é um sistema que quando praticada pelos melhores executantes (Brasil e Espanha) proporciona um cariz ofensivo, mais rápido, objectivo e directo, no sentido do golo, não utilizando uma sequência de passes muito longa. Inicialmente este sistema apareceu com um pivô muito adiantado, quase estático e sem preocupações defensivas, jogando de costas para a baliza adversária. Os treinadores foram percebendo a situação e na tentativa de surpreender o adversário, começaram

a verificar-se rotações, com intuito de afastar a defesa do seu espaço de acção preferencial. Estas constantes movimentações vieram dar uma nova “imagem” ao Futsal, sobretudo ao jogo jogado sem bola. Desta forma, a defesa sentiu necessidade de avançar no terreno, e actualmente podemos verificar que as equipas de top defendem todas elas muito adiantas no terreno, isto é, na primeira linha defensiva, ou seja, na primeira linha ofensiva da equipa adversária.

Segundo Chaves & Amor (1998), o sistema de jogo 3:1 é o mais utilizado.

Na actualidade e na frente do processo ofensivo anteriormente referido aparece no sistema 4:0 que, no nosso entender, passou a ser o mais utilizado em Portugal. Muitos dos treinadores portugueses passaram a acreditar única e exclusivamente neste sistema, deixando de parte o sistema 3:1. Para Sampedro (1997), o sistema 4:0 é o mais moderno e, no momento, é aquele a que as equipas mais recorrem. Refere também que é usual combiná-lo com sistema 3:1.

Segundo Lozano (2002), este sistema pressupõe grande mobilidade dos jogadores com e sem bola, conseqüentemente, grande preparação táctica, técnica e física. O 4:0 requer que os jogadores saibam jogar a bola perante grande pressão e proximidade dos adversários sem medo e com confiança, assumindo riscos. Este é também, no nosso entender, um sistema caracterizado pelas elevadas sequências de passe, privilegiando a amplitude em detrimento da profundidade, bem como tempos de ataque extensos.

Como temos vindo a verificar, os sistemas de jogo tem evoluído de forma relevante, em que cada transformação induz mais mobilidade e agressividade. Assim sendo, pode dizer-se que os sistemas actuais induzem maior velocidade no jogo, maior mobilidade, maior agressividade e cada vez mais os jogadores tem de dominar não só a parte técnica como a parte táctica. Arriscamos a dizer que a modalidade passou de técnico-táctica a táctico-técnica.

Depois de feita a revisão da literatura, constatamos que não existe consenso entre os autores sobre o sistema mais utilizado, mas sabemos sem dúvida que os sistemas 3:1 e 4:0 são as mais procuradas pelos treinadores.

2.3- Vantagens e desvantagens dos sistemas 3:1 e 4:0

No decorrer da revisão bibliográfica, podemos ver que os sistemas mais utilizados são, sem dúvida, os sistemas 3:1 e 4:0. Cada um destes sistemas é diferente, com as suas vantagens e desvantagens diferenciadas.

Sistema 3:1

Para Chaves & Amor (1998), este é o sistema mais utilizado.

Este sistema utiliza-se normalmente contra defesas que actuam em metade do terço do terreno de jogo, independentemente de defenderem à zona ou individualmente (Lozano et al., 2002).

O sistema 3:1 é caracterizado por uma rotação contínua dos jogadores de trás até à posição de pivô e podem-se realizar aclaramentos (libertação de espaços) desde a posição de ala que facilitam a acção do pivô (Sampedro, 1997).



Figura 1 – Esquema representativo do sistema 3:1.

Vantagens

Permite equilíbrio defensivo e a cobertura ofensiva. Existe um grande número de opções ofensivas. Há um aproveitamento do posto específico de pivô para situações de 1x1, situações de aclaramentos e desmarcações. Segundo Sampedro (1997), este proporciona uma excelente situação colectiva para realizar diagonais. É considerado um sistema simples de realizar e muito prático.

Desvantagem

Este sistema requer um longo período de preparação e jogadores táctica e tecnicamente mais evoluídos. Se for demasiado estático torna-se previsível

para o adversário a colocação de bolas no pivô. Existe ainda a necessidade de ter um bom pivô na equipa.

Sistema 4:0

Para Sampedro (1997), o sistema 4:0 é o sistema mais moderno, e no momento, é aquele a que as equipas mais recorrem.

Este sistema tem como objectivo promover uma maior versatilidade táctica de forma a provocar uma pior adaptação defensiva na equipa adversária e utiliza-se normalmente contra equipas que pressionem. Usualmente são utilizados passes por cima da defesa, sobre todo o espaço livre (Sampedro, 1997).

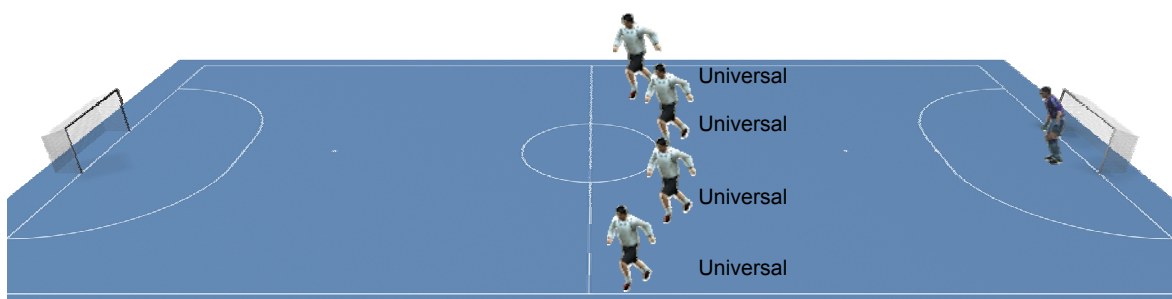


Figura 2 – Esquema representativo da estrutura 4:0.

Vantagens

Voser (2001), refere como principais vantagens, dispor de todo o espaço de ataque livre para jogar e conseguir superioridade, devido às movimentações constantes. No entanto, salienta que há necessidade de todos os jogadores serem exímios no contacto com a bola, boa técnica e acima de tudo, que saibam jogar sem a mesma.

Desvantagens

Segundo Lozano (2002), o sistema é bastante complexo e pouco eficaz contra defesas muito fechadas e recuadas. Garante um precário equilíbrio defensivo e provoca um grande desgaste físico. Além disso, é um sistema com pouca utilidade perante equipas que defendem muito atrás e exige uma grande concentração, pois se um elemento falha, desequilibra toda a equipa.

2.4- Processo Ofensivo – Quando e Como começa, Quando e Como termina

Segundo Castelo (1996), o processo ofensivo representa uma das fases do jogo de Futebol. Para Hughes (1990), o factor importante do jogo e que assume as directrizes do mesmo, é o facto da equipa ser ou não possuidora da posse de bola. Assim, o processo ofensivo é determinado pela equipa que se encontra de posse de bola, com vista à obtenção do golo, sem cometer infracções às leis do jogo pré-estabelecidas (Teodorescu, 1984).

Sempre que uma equipa recupera ou mantém a posse de bola procurando o golo, costuma-se afirmar que esta equipa ataca (Voser, 2001).

No entanto, segundo Castelo (1996, p.104), “ (...) o processo ofensivo começa antes mesmo da recuperação da posse de bola”. Este refere que deverá haver uma intencionalidade por parte dos jogadores que não intervêm directamente no processo defensivo, na tentativa de dividir a atenção da equipa adversária, com o intuito de incutir nestes, uma preocupação mais defensiva e não o contrário.

Para Dietrich (1978, citado por Queiroz, 1986), consideram-se três fases fundamentais do processo ofensivo: a construção da acção ofensiva (quando a equipa recupera a posse de bola e desenvolve o ataque sobre a baliza adversária), a criação de situações de finalização (quando o adversário procura situações favoráveis de finalização) e finalização (aquela que traduz a acção ofensiva mais clara).

A criação de situações de finalização é a etapa do processo ofensivo onde, segundo Castelo (1996), se procura adquirir vantagem sobre a defesa nas zonas predominantes de finalização.

Segundo Castelo (1996, p.132), a finalização é o culminar de um trabalho de equipa com finalidade de obtenção de golo.

Conforme nos dizem alguns autores (Castelo, 1994; Garganta, 1997) podem-se considerar três métodos de jogo ofensivo:

- * Ataque organizado
- * Contra-ataque
- * Ataque rápido

Ataque organizado, “ (...) é uma forma de ataque em que a fase de construção se revela mais demorada e elaborada e na qual a transição defesa-ataque se processa com predominância de passes curtos, desmarcações de apoio e coberturas ofensiva” (Garganta, 1997, p.214).

- a bola é conquistada no meio campo ofensivo/defensivo e a equipa adversária encontra-se equilibrada defensivamente;

- a circulação de bola é realizada mais em largura do que em profundidade, com passe curtos e desmarcações de apoio;

- são realizados mais que sete passes;

- o tempo de realização do ataque é elevado, ou seja, superior a 18 segundos;

- ritmo de jogo lento relativamente ao contra-ataque e ataque rápido e menor circulação da bola e dos jogadores.

O Contra-ataque, “ (...) é um acção táctica que consiste em logo após ter conquistado a bola no meio campo defensivo próprio, procurar chegar o mais rápido possível à baliza adversária, sem que o oponente tenha tempo para se organizar defensivamente” (Ramos, 1982, citado por Garganta, 1997, p. 213):

- a bola é conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo e a equipa adversária apresenta-se avançada no terreno de jogo e está desequilibrada defensivamente;

- utilizam-se sobretudo passes longos e para a frente. A circulação da bola é efectuada mais em profundidade do que em largura, com desmarcações e rupturas;

- os passes acontecem em número reduzido (até cinco passes);

- rápida transição da zona de conquista da posse da bola para a zona de finalização com baixo tempo de realização do ataque, em regra, até doze segundos;

- ritmo de jogo elevado (elevada circulação da bola e dos jogadores);

- pouca organização defensiva adversária.

O ataque rápido, significa “ (...) a diferença entre este método e o contra-ataque reside no facto de que enquanto que no primeiro se assegura as condições mais favoráveis para preparar a fase de finalização antes da defesa contrária se organizar, no ataque rápido a fase de finalização é preparada já

com a defesa adversária organizada” (Castelo, 1992 citado por Garganta, 1997, p. 213):

- a bola é conquistada no meio campo defensivo/ofensivo e a equipa adversária encontra-se equilibrada defensivamente;
- a circulação da bola é realizada em profundidade e em largura, com passes rápidos curtos e longos alternados, sendo as desmarcações preferencialmente de ruptura;
- ritmo de jogo elevado, ou seja, elevada circulação da bola e dos jogadores;
- considera-se sete o número máximo de passes;
- o tempo de realização do ataque não ultrapassa, em regra, os dezoito segundos.

Sampedro (1997) acrescenta: as acções devem ser realizadas à máxima velocidade; deve haver movimentações constantes com e sem bola; devem existir muitos remates à baliza.

Para finalizar, “ (...) qualquer equipa que se preocupe em praticar um bom jogo, para além de ter o conhecimento exacto dos movimentos tanto no ataque como na defesa, deve estar preparada, a todo o momento, para a execução de um canto, uma falta, etc, a seu favor para isso, devemos conhecer uma série de estratégias” (Valdericeda, 1994, p.143). Segundo o mesmo autor as estratégias são jogadas ensaiadas, ou seja, são movimentações ofensivas previamente conhecidas e treinadas que se destinam à marcação de faltas ou reposições da bola em jogo. Lozano (1995), entende que numa equipa a estratégia deve ser algo muito pessoal, inclusivamente renovável ao fim de um certo período de tempo.

Castelo (1994) diz que as sequências ofensivas observadas que conduzem ao golo apresentam um tempo de realização de ataque relativamente curto.

Por seu lado, Garganta (1997), no seu estudo concluiu que a variabilidade das acções ofensivas é um factor associado à eficácia ofensiva; um baixo tempo de realização de ataque e uma elevada velocidade de transmissão da bola, não são variáveis necessariamente associadas á eficácia ofensiva; e que o baixo tempo de realização não corroboram os estudos que indicam que este é um factor associado a uma superior eficácia.

2.5- Dimensão Tática nos Jogos Desportivos Colectivos

Segundo Teodorescu (1984), Castelo (1996) e Garganta (2000), os jogos desportivos colectivos são considerados desportos predominantemente táticos, onde há uma necessidade contínua de resolução de diversas situações de jogo, ou seja, situações táticas complexas que derivam do grande número de adversários e companheiros com objectivos muito diferenciados, obrigando a uma constante adaptação e rápidas tomadas de decisão.

Muitos autores defendem que a técnica é o ponto importante para uma performance máxima, enquanto que no lado oposto, surgem investigadores com a opinião que a tática é central, revelando-se determinante para bons resultados, observando-se por isso, que nestes últimos anos o centro das atenções se dirigiu para questões táticas (Greco & Chagas, 1992).

Seguindo alguns autores (Garganta, 1995; Oliveira, 2001; Frade, 2005), a dimensão tática assume o centro da estrutura do rendimento dos JDC, pois, avoca-se como o elemento central nos jogos de oposição (Araújo, 1983; Konzag, 1985; Alves e Araújo, 1996; Moya, 1996; Mangas, 1999), sendo considerada por Castelo (1994), como conteúdo principal para o ensino dos JDC. Daí, o jogador em qualquer situação de jogo tem de saber o que fazer (decisão tática), antes de eleger o como fazer (decisão técnica), pois a decisão tática corresponde ao modo como a equipa procura transpor o adversário em busca do objectivo, através da sua disposição no terreno.

Gréhaigne (1992) refere que a estratégia representa o que está previsto antecipadamente enquanto que a tática é a adaptação instantânea da estratégia às configurações do jogo e à circulação de bola.

“Numa equipa é a tática que permite, a partir de um conjunto heterogéneo de elementos, criar uma unidade homogénea” (Voser, 2001, p.47).

Segundo as perspectivas de Teodorescu (1984) e Castelo (1994), a tática pode ser definida como sendo um conjunto de acções individuais e colectivas, que de forma organizada e coordenada tentam alcançar a finalidade do jogo, através da sua utilização lógica e oportuna. Na mesma linha Garganta (1997), refere que a tática é o entendimento de oposição, entre os adversários

e companheiros que, através de uma relação de oposição torna funcionais estratégias, às quais está implícito o conceito e sentido da tática.

Para Matveiev, (1986 in Garganta, 1997, p. 37) o “ (...) sentido tático reside: (1) na aptidão para identificar situações e tratar informações essenciais para a solução de problemas que podem ocorrer ao longo de uma competição; (2) na capacidade para prever as acções dos adversários e o curso da competição; (3) na capacidade para escolher a melhor e a mais rentável das variantes possíveis”.

Greco (1995) classifica a capacidade tática, relacionando dois aspectos fundamentais: a função do jogador (com posse ou não de bola) e a característica da acção (defensiva ou ofensiva). De acordo com Garganta (1997), a tática pressupõe uma “linguagem” comum a todos os elementos equipa (jogadores/treinador), sobre a qual os jogadores numa concepção unitária tentam alcançar o objectivo do jogo. No entanto, as acções estão sempre condicionadas pelos recursos energéticos e técnicos dos elementos.

Com tudo isto, verifica-se que não se pode falar de componente tática, sem referir a técnica, estratégia, o individual ou o colectivo, pois nos JDC estas são indissociáveis, assim é no Futsal, como jogo desportivo colectivo que é.

Como refere Frade (citado por Carvalhal 2002), “ (...) o tático não é o físico, não é o técnico, não é o psicológico, nem o estratégico, mas precisa das quatro para se manifestar”.

3 - Metodologia

3.1- Objectivos

O objectivo geral do presente estudo é, descrever e analisar as diferenças existentes entre os sistemas 3:1 e 4:0, das selecções de Espanha e Portugal.

Os Objectivos específicos são:

- Conhecer a amplitude, direcção, objectividade e profundidade dos sistemas 4:0 e 3:1 adoptados pela selecção de Portugal e Espanha;
- Constatar o tempo de posse de bola, nos diferentes sistemas de jogo 3:1 e 4:0, que cada selecção utiliza, nas respectivas sequências ofensivas em ataque organizado;
- Descrever as características dos sistemas 3:1 e 4:0 em ataque organizado;
- Perceber e descrever as diferenças do processo ofensivo praticado por equipas portuguesas e espanholas.

3.2 - Hipóteses

Como hipóteses formulamos as seguintes:

- **Hipótese 1:** a selecção espanhola baseia o seu jogo ofensivo maioritariamente no sistema 3:1;
- **Hipótese 2:** a selecção portuguesa baseia o seu jogo ofensivo maioritariamente no sistema 4:0;
- **Hipótese 3:** o tempo médio de posse de bola, em ataque organizado da selecção portuguesa no sistema 4:0 é superior ao do sistema 3:1 utilizado pela selecção espanhola;
- **Hipótese 4:** a selecção portuguesa realiza na totalidade das sequências ofensivas em ataque organizado, um número de sequências de passe superiores às da selecção espanhola, antes de terminar o ataque organizado;
- **Hipótese 5:** a selecção de Portugal utiliza em média no seu sistema 4:0, um tempo de realização de ataque organizado superior ao sistema 3:1 utilizado pela selecção de Espanha.
- **Hipótese 6:** a selecção de Espanha produz o maior número de finalizações que a selecção de Portugal, em ataque organizado;

- **Hipótese 7:** A selecção de Espanha comparativamente com a selecção de Portugal realiza uma maior percentagem de sequências de passe em profundidade, ou seja para além de um sector no sentido da baliza da equipa adversária

- **Hipótese 8:** A selecção de Portugal, no sistema 4:0, realiza mais passes dentro do mesmo sector do que a selecção de Espanha, no seu sistema 3-1.

3.3 - Caracterização da Amostra

A amostra integra, 152 sequências de ataque organizado, das selecções de Futsal de Portugal e da Espanha que disputaram o campeonato do Mundo, Brasil 2008. Foram analisadas as sequências ofensivas em ataque organizado relativas a quatro jogos (Portugal vs Paraguai; Portugal vs Itália; Espanha vs Itália; Espanha vs Rússia).

3.4 - Metodologia de Investigação

O presente trabalho centra-se no processo de jogo ofensivo em ataque organizado, das selecções de Portugal e da Espanha em Futsal. Nesse sentido, sentimos a necessidade de caracterizar o processo ofensivo relativamente a dois sistemas de jogo distintos, 3:1 e 4:0.

A observação de jogos e a respectiva recolha de dados foi efectuada recorrendo a imagens gravadas de canais de televisão e registadas numa grelha elaborada para o efeito.

Os jogos analisados foram gravados em cassetes e alguns retirados da Internet. Desta forma, iniciou-se as análises e os registos das variáveis/comportamentos em estudo. Nesse sentido, contabilizamos o tempo de posse de bola (TPB), em ataque organizado, nos diferentes sistemas (3:1 e 4:0), que foi registado por cronómetro manual, o número de passes (N.ºP) realizados e a orientação dos mesmos, tal como o número de remates (N.ºR) e golos.

Dado que estes jogos foram gravados, existe a possibilidade de os visualizar as vezes que considerarmos necessárias. Assim probabilidade de cometermos erros na observação é quase diminuta. No entanto, temos de salientar que, como estes foram obtidos através das estações de televisão,

neste caso, há sempre a possibilidade de alguma informação faltar, dado que há repetições de lances, e por vezes, a imagem não contempla alguns momentos de jogo.

3.5 - Protocolo de explicação das variáveis em estudo.

Número de Ataques organizados (N.ºAO) – ataque organizado (AO) “ (...) é uma forma de ataque em que a fase de construção se revela mais demorada e elaborada e na qual a transição defesa-ataque se processa com predominância de passes curtos, desmarcações de apoio e coberturas ofensivas” (Garganta, 1997, p.214). Foram contabilizados como seguimento dos ataques que eram interrompidos, desde que a bola continuasse na posse da equipa (lançamento lateral) e esta continuava o ataque de uma forma organizada.

Método de jogo ofensivo – dever-se-á “ (...) entender a forma como os jogadores da equipa desenvolvem o processo ofensivo (PO), desde o momento de aquisição ou recuperação da posse de bola, até ao momento da finalização ou perda da posse de bola” (Garganta, 1997, p.212).

Sistema – Na perspectiva de Voser (2001), o sistema de jogo pode ser vista como a forma de dispor os jogadores em campo.

Tempo de Jogo no Sistema (TJS) 3-1 e 4-0

Para Sampedro (1997), o sistema 4:0 é o sistema mais moderno no momento, é aquele a que as equipas mais recorrem.

Este sistema tem como objectivo promover uma maior versatilidade táctica de forma a dificultar a adaptação defensiva na equipa adversária e utiliza-se normalmente contra equipas que pressionem.

Segundo Sampedro (1997), o sistema 3:1 é caracterizado por uma rotação contínua dos jogadores de trás até à posição de pivô e podem realizar-se aclaramentos (libertação de espaços) desde a posição de ala, que facilitam a acção do pivô.

Neste estudo, sempre que uma equipa tive em campo um jogador com as características de pivô, foi considerado, que equipa estava a utilizar o sistema 3:1. Se a equipa não possuía no terreno de jogo um pivô era considerado que a equipa estava a utilizar o sistema 4:0.

Número de Passes em ataque organizado (N.ºPAO) – o passe consiste numa transmissão do móbil de jogo entre os elementos da mesma equipa na fase ofensiva (Garganta, 1997). Ou, como afirma Gama (2000, p. 7), o passe “ (...) é a acção que permite estabelecer uma ligação entre os dois ou mais componentes da equipa, mediante a transmissão da bola com um toque”. Apenas foram contabilizadas as acções em que a bola é efectivamente transmitida a um elemento da mesma equipa. Só foi contabilizado o número de passes que foram efectuados em ataque organizado (AO). Se o ataque foi interrompido por acção do adversário (intercepção), mas mesmo assim, a posse de bola continue com a equipa (Lançamento lateral), e esta dá seguimento ao ataque de forma organizada, foram contados os passes como pertencendo a uma só jogada de AO, desde o início até perda da posse de bola. Nesta investigação, não foram contabilizadas as jogadas estratégicas de bola parada, lançamentos, cantos e livres. Todos os passes e remates que foram produzidos por estas mesmas jogadas, não foram registados neste estudo, pois estes não são dados relevantes para o objectivo do estudo. Para uma jogada iniciada num livre, canto ou lançamento lateral ser válida para o estudo, teve de produzir mais de três passes.

Tempo de realização do ataque (TRA) – Segundo Garganta (1997), “ (...) é o período que medeia entre o início do processo ofensivo e a sua conclusão através de remate enquadrado com a baliza”, o qual pode provocar pelo menos umas das seguintes acções:

- golo;
- defesa do guarda-redes da sua equipa;
- intercepção realizada por um jogador da equipa que defende, que constitui o último obstáculo móbil a transpor, substituindo posicionalmente o guarda-redes da sua equipa,
- bola embate nos postes ou na barra;

Neste estudo será relevante se é ou não golo. No entanto, não é contabilizado mais nenhuma variável relativa à finalização.

Zona de transmissão do passe (ZTP) – Como vimos anteriormente, o passe “ (...) é acção que permite estabelecer uma ligação entre os dois ou mais componentes da equipa, mediante a transmissão da bola com um toque” (Gama, 2000, p.7). Durante o estudo, é dada grande importância aos sectores onde se realizam as sequências de passe, nas equipas em ataque organizado.

Verificando a Figura 3, observa-se o campograma por nós escolhido para análise das variáveis pretendidas.



Figura 3 – Campograma.

- SRD – Sector Recuado Defensivo
- SID – Sector Intermédio Defensivo
- SAD – Sector Avançado Defensivo
- SRO – Sector Recuado Ofensivo
- SIO – Sector Intermédio Ofensivo
- SÃO – Sector Avançado Ofensivo

Depois de visualizar os jogos e, correspondentemente, o terreno de jogo, foi definido por nós, que este era o melhor campograma para a análise dos comportamentos e variáveis pretendidas. Esta é, também, a perspectiva que mais vez é passada durante a transmissão dos jogos.

3.6 - Procedimentos estatísticos

Neste estudo foi efectuado o cálculo da estatística descritiva e comparativa:

- frequências absolutas;
- frequências relativas;
- percentagens;

- médias;
- desvio-padrão;
- amplitude de variação;
- anova
- bonferroni

No tratamento estatístico foram utilizados o Excel 2003 e o SPSS 17.0. Foi atribuído como nível de significância 5% sendo $p \leq 0,05$.

Para verificar a variância, e assim descobrir se existiam diferenças estatisticamente significativas nos grupos e nas diferentes variáveis, utilizou-se o teste anova. Depois de se verificar que existiam diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), realizamos um *post hoc tests* para saber onde estas se situavam, e através do teste bonferroni, verificou-se onde se situavam as diferenças estatisticamente significativas.

3.7 - Fiabilidade da observação

De forma a verificar a consistência das observações, realizou-se o teste de fiabilidade, intra-observador do mesmo jogo, com um espaço de intervalo de 15 dias. O jogo escolhido foi Portugal vs Itália, tendo sido observado num tempo correspondente a dez minutos de jogo cronometrado, ou seja, tempo útil. Perante os dados recolhidos, verificaram-se a percentagem de acordos e desacordos segundo a fórmula utilizada por Bellack et al. (1966)

$$\% \text{ acordos} = \frac{\text{n.º acordos}}{\text{n.º de acordos} + \text{n.º de desacordos}} \times 100$$

Depois de recolhidos e comparados os dados pretendidos entre a primeira e a segunda observação verifica-se através da Figura 3, que a percentagem de acordos se encontra dentro dos limites estipulados pela leitura da especialidade, ou seja, superiores a 80%.

Dimensões observadas	N.º de observações	Acordos	Desacordos	% de acordos
N.º AO	18	16	2	88,9%
TJS (3-1 e 4-0)	2	2	0	100%
NºPAO	138	133	5	96,4%
TRA	16	14	2	87,5%
ZTP	132	119	13	90,2%

Figura 4 – Variáveis observadas no teste de fiabilidade, intra-observador e número de acordos, desacordos e percentagem de acordos.

3.9 - Material utilizado

- AutoCad
- Televisão Sony;
- Video Sony;

4 - Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1 - Resultados das acções ofensivas (ataque organizado) da selecção de Portugal

4.1.1 - Tempo de utilização dos diferentes sistemas durante o jogo

Verifica-se através da Figura 5, que a selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai utiliza dois sistemas de jogo distintos. No entanto, podemos constatar que esta opta maioritariamente, pelo sistema 4:0 (68%).

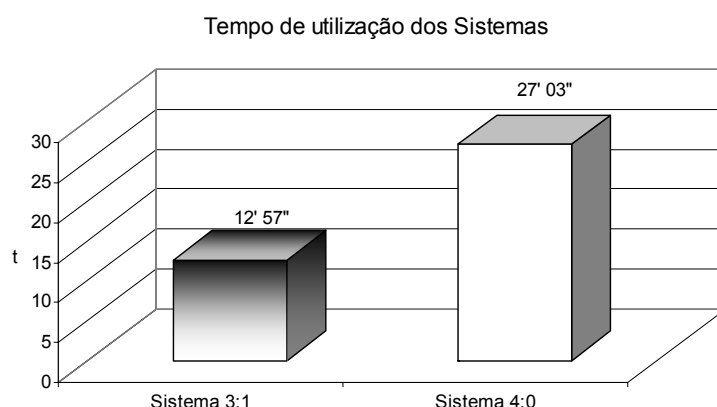


Figura 5 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai.

Constatamos pela imagem da Figura 6, que a selecção de Portugal, no encontro que a opôs à selecção de Itália, utilizou, novamente, dois sistemas de jogo distintos. Mas, mais uma vez, fica evidente que a forma preferencial do jogar da selecção de Portugal se suporta sobretudo no sistema 4:0 (76%), em detrimento do sistema 3:1 (24%). Neste jogo, ficou ainda mais reforçado, que a selecção de Portugal recorre principalmente ao sistema 4:0 para a realização do seu jogo.

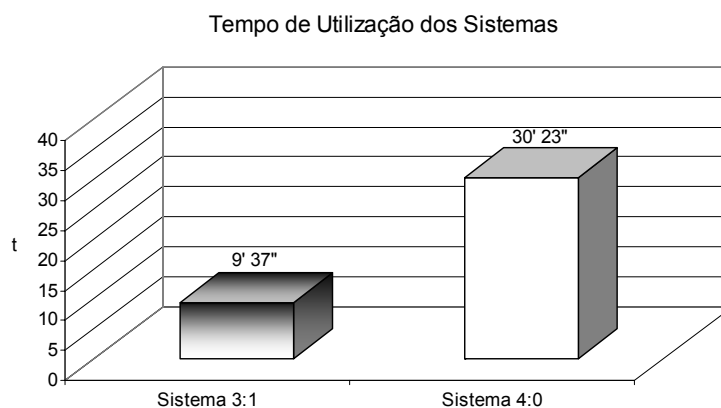


Figura 6 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção de Portugal no jogo contra a selecção de Itália.

Apesar do sistema 3:1 ser considerado simples e prático (Sampedro, 1997), verifica-se que a selecção de Portugal opta referencialmente pelo sistema 4:0. No nosso entender isso acontece, porque Portugal não tem jogadores com características de pivô, e como refere Sampedro (1997), para jogar neste sistema é preciso um bom pivô.

4.1.2 – Número de ataques organizados, remates e golos

Como foi referido anteriormente, a selecção de Portugal, no confronto com a selecção do Paraguai, recorreu maioritariamente ao sistema 4:0. Porém, este sistema não está associada a uma supremacia dos resultados comparativamente com os que acontecem no sistema 3:1. Analisando os dados da Figura 7, fica evidente que 58% do número de ataques organizados (N.ºAO) foram realizados no sistema preferencial de Portugal. No entanto, verifica-se que esta supremacia de tempo e N.ºAO não se reflecte no número de remates (12 em cada uma das estruturas). Relativamente à eficácia absoluta, verificamos que só no sistema 4:0 foi conseguido a obtenção de golos (n=1).

A selecção de Portugal, no sistema 3:1, produz em média 0,63 remates, mínimo 0, máximo 1 e tem como desvio-padrão 0,50 remates por sequência de ataque organizado. No que se refere ao sistema 4-0, este cria por sequência de ataque organizado, em média 0,46 remates, mínimo 0, máximo 2, e tem como desvio-padrão 0,58 remates por sequência de ataque.

Contudo, estes sistemas não evidenciam diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$).

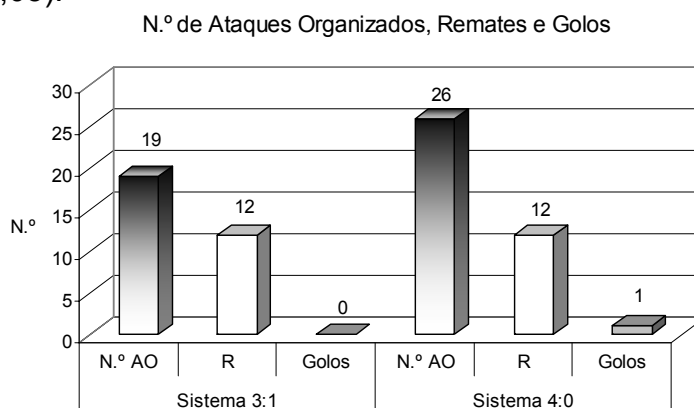


Figura 7 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai.

No seguimento da análise anterior, verificamos agora o confronto que opôs a selecção de Portugal à selecção de Itália. Podemos aferir através da Figura 8, que a selecção de Portugal produz um maior N.ºAO (70%) no sistema 4:0. Relativamente aos remates, apuramos que no sistema 4:0 existe um ligeiro ascendente (58%) sobre o sistema 3:1 (42%). Este crescente foi diminuído de variável para variável, verificando-se agora que relativamente à eficácia, ambas os sistemas não produziram golos.

Apesar da supremacia evidenciada pelo sistema 4:0 sobre o sistema 3:1, relativamente ao tempo e N.ºAO, esta diminui quando se fala na produção de remates e, diminui ainda mais, quando se observa a eficácia.

É possível verificar que, em média, no sistema 3:1, são realizados 0,67 remates, mínimo 0, máximo 1, e tem como desvio-padrão 0,50 remates por sequência de ataque organizado. Por outro lado, no sistema 4:0 são produzidos em média 0,36 remates, mínimo 0, máximo 4 e tem como desvio-padrão 0,49 remates por sequência de ataque organizado.

Verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$), relativamente aos sistemas 3:1 e 4:0.

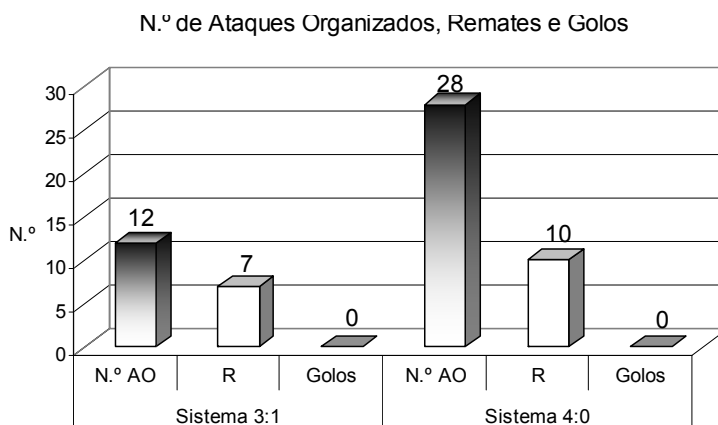


Figura 8 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção de Portugal no jogo contra a selecção de Itália.

As figuras apresentadas não contemplam as outras formas de ataque (contra-ataque e ataque rápido), pois estas não eram objectivo do estudo. No entanto, achamos relevante deixar a informação que o maior número de golos ocorreu nestas formas de ataque. Esta contemplação vai de encontro aos estudos efectuados por vários autores (Garganta et al. 1995;

Oliveira, 1996, citado por Garganta, 1997; Castelo, 1994) nos quais verificaram que as sequências ofensivas observadas que conduziram ao golo, apresentam um tempo de realização de ataque curto.

4.1.3 - Número de passes nos diferentes sistemas de jogo em ataque organizado

Quando conferimos o N.ºPAO (n=345) na Figura 9, fica evidente que o sistema 3:1 é o que gera menor número de passes (35%). Podemos considerar normal, visto que, como já vimos anteriormente, é o sistema que menos tempo de jogo tem.

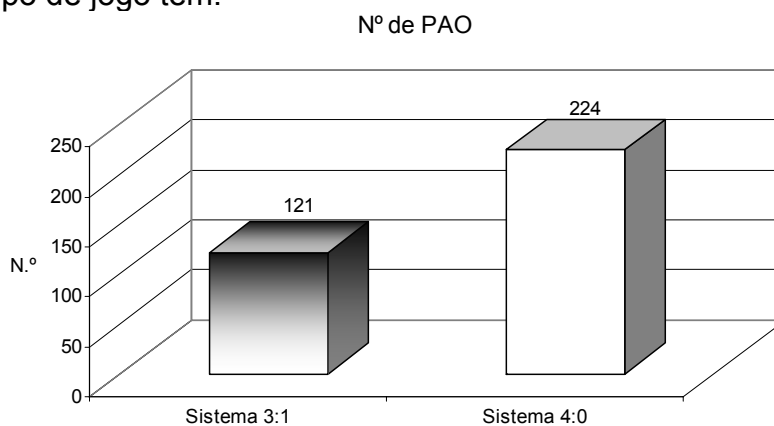


Figura 9 – Número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal no jogo contra a selecção do Paraguai.

Quando observamos os dados da Figura 9, presenciamos que o sistema 3:1 tem ainda menos expressão (29%), no número de passes em ataque organizado (N.ºPAO) neste confronto, que no confronto que a selecção de Portugal realizou com a selecção do Paraguai.

Constatamos também que, nesta partida, o N.ºPAO (n=289) foi inferior ao do jogo anterior.

Os dados continuam a evidenciar, a forma preferencial, do jogo da selecção de Portugal e como se comportam as suas variáveis

Constatamos que a selecção de Portugal vai de encontro ao que refere Sampedro (1997), o sistema 4:0 é o mais utilizado pelas equipas.

Neste momento apuramos que o sistema 4:0 é mais utilizado. Apesar de produzir um maior número de passes., perde supremacia em detrimento do sistema 3:1, no que diz respeito aos remates e à eficácia.

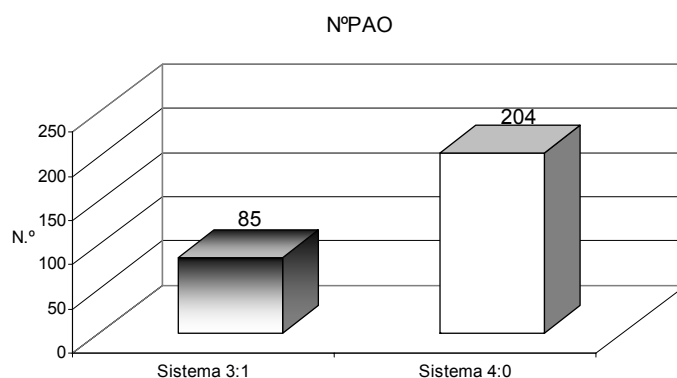


Figura 10 – Número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal no jogo contra a selecção de Itália.

4.1.4. – Média do número de passes e tempo do ataque organizado nos diferentes sistemas

Continuando a análise do jogo de Portugal, no processo ofensivo em ataque organizado, conferimos através da Figura 11, que a selecção de Portugal, no sistema 4:0, produz em média 9 sequências de passe, antes de terminar o ataque organizado, realiza como valor mínimo 5 passes, máximo 33 e tem como desvio-padrão 6 sequências de passes. No que se refere ao sistema 3:1, verifica-se que neste sistema a selecção de Portugal realiza em média 6 sequências de passes em ataque organizado, máxima 12, mínimo 3, e um desvio-padrão de 3 sequências de passes.

Percebe-se que o sistema 3:1 necessita de um menor número de sequências de passes, para terminar o ataque organizado. No nosso entender isso ocorre, porque este é um sistema que procura de forma mais directa a baliza adversária, com passes mais profundos e objectivos.

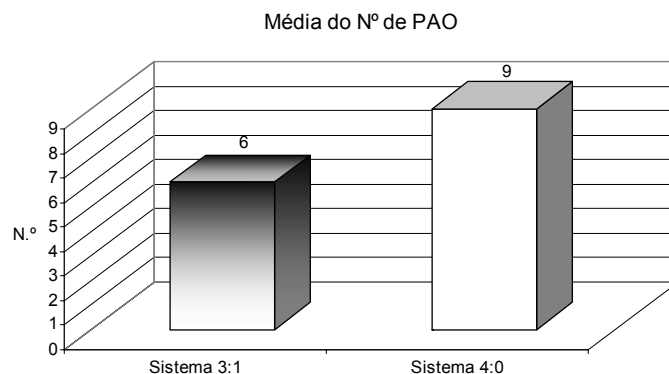


Figura 11 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal contra a selecção do Paraguai.

Verificando a Figura 12, rapidamente concluímos que a selecção de Portugal no sistema 3:1, utiliza como tempo médio de ataque 15 segundos, e tem como tempo máximo 24 segundos, mínimo 5 segundos e um desvio-padrão de 6 segundos. No que se refere ao sistema 4:0, verifica-se que em média a selecção de Portugal realiza o seu ataque organizado em 22 segundos, máximo 1,24 minutos, mínimo 6 segundos e um desvio-padrão de 22 segundos.

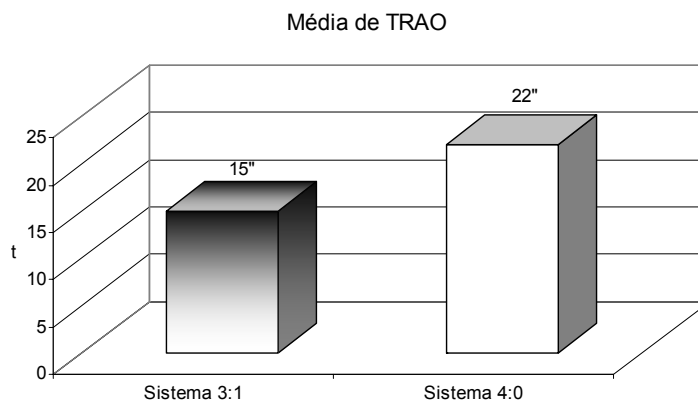


Figura 12 – Média do tempo de realização do ataque da selecção de Portugal contra a selecção do Paraguai.

Através da Figura 13, verifica-se que a selecção de Portugal executa em média, no sistema 3:1, 7 sequências de passes em ataque organizado, e sabe-se que possui como valor máximo 13, mínimo 5, e como desvio-padrão 3 sequências de passes. Em relação ao sistema 4:0, a selecção portuguesa gera em média 7 sequências de passes, e tal como no sistema 3:1, sabe-se que tem

como sequência máxima de 13 passes, mínimo 4, e desvio-padrão de 3 sequências de passe.

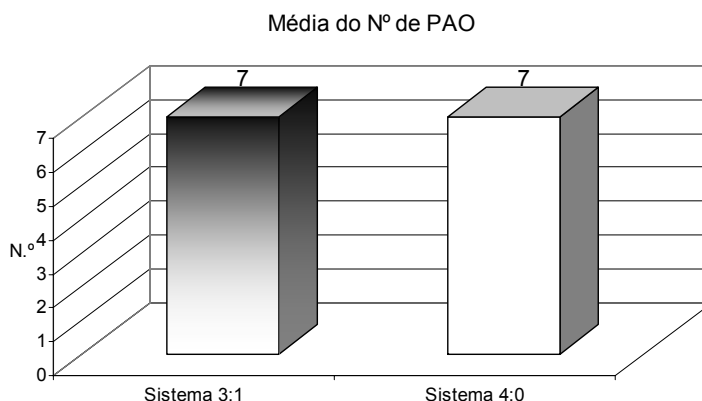


Figura 13 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Portugal contra a selecção de Itália.

No que se refere ao tempo médio verifica-se através da Figura 14, que a selecção de Portugal, possui maior rapidez no sistema 3:1 ($t=14''$) e sabe-se que têm como tempo máximo numa sequência de ataque organizado, 29 segundos, mínimo 4 segundos e como desvio-padrão 8 segundos. Relativamente ao sistema 4:0, constata-se que este tem como tempo médio de ataque organizado 17 segundos, máximo 39 segundos, mínimo 8 segundos e como desvio-padrão 8 segundos.

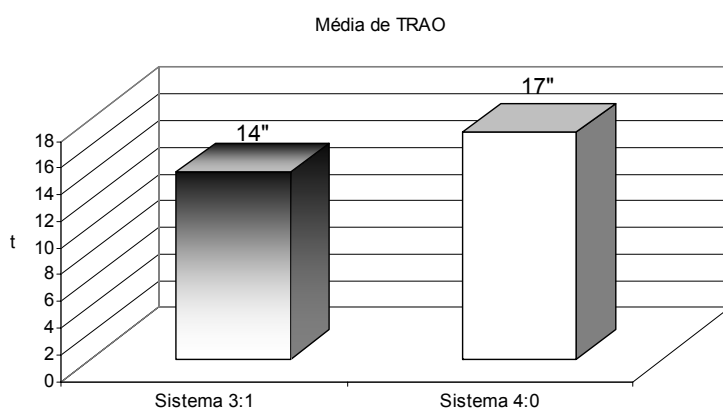


Figura 14 – Média do tempo de realização do ataque da selecção de Portugal contra a selecção de Itália.

Segundo Canastra (2002), as equipas de nível superior efectuam em média, o seu ataque em 13 segundos. Como podemos verificar, o sistema que mais se aproxima desta afirmação é o sistema 3:1. No entanto, este gasta média, mais tempo para terminar a sequência de ataque.

De todas as figuras que foram expostas anteriormente, nenhuma contempla as formas de ataque rápido e contra ataque. Isto ocorre, porque estas variáveis não eram objecto de estudo. No entanto, gostamos de deixar uma nota informativa da forma como ocorreram os golos da selecção de Portugal. Estes foram engendrados ou em contra-ataque ou em ataque rápido, vindo, desta forma, ao encontro do estudo realizado por vários autores (Garganta et al., 1995; Oliveira, 1996, citado por Garganta, 1997; Castelo, 1994) que verificaram que as sequências ofensivas observadas que conduziram ao golo, apresentam um tempo de realização de ataque relativamente curto.

4.1.5 – Zona de efectuação do passe e comparação entre sistemas

Conferindo a Figura 15, apreciamos que existe uma grande distribuição das sequências de passes, desde o SRD até ao SIO. É notório que a percentagem mais elevada (29%) de sequências de passes acontece no SAD, e desta percentagem, verifica-se que (34%) das sequências de passes se inicia e termina neste mesmo sector.

Apesar de se verificar que a maior percentagem (38%) de sequências de passes se iniciam e terminam no mesmo sector (não havendo progressão) contabiliza-se, no entanto, uma percentagem significativa (38%) de sequências de passes no sentido ofensivo. É necessário entender que desta percentagem (38%), só um reduzido valor (9%) de sequências de passes se inicia e termina para além do sector mais próximo. Os restantes (29%), são sequências de passe que se iniciam num sector e terminam no sector mais próximo.

Existe progressão, mas esta é uma progressão pautada, controlada, sem grandes riscos.

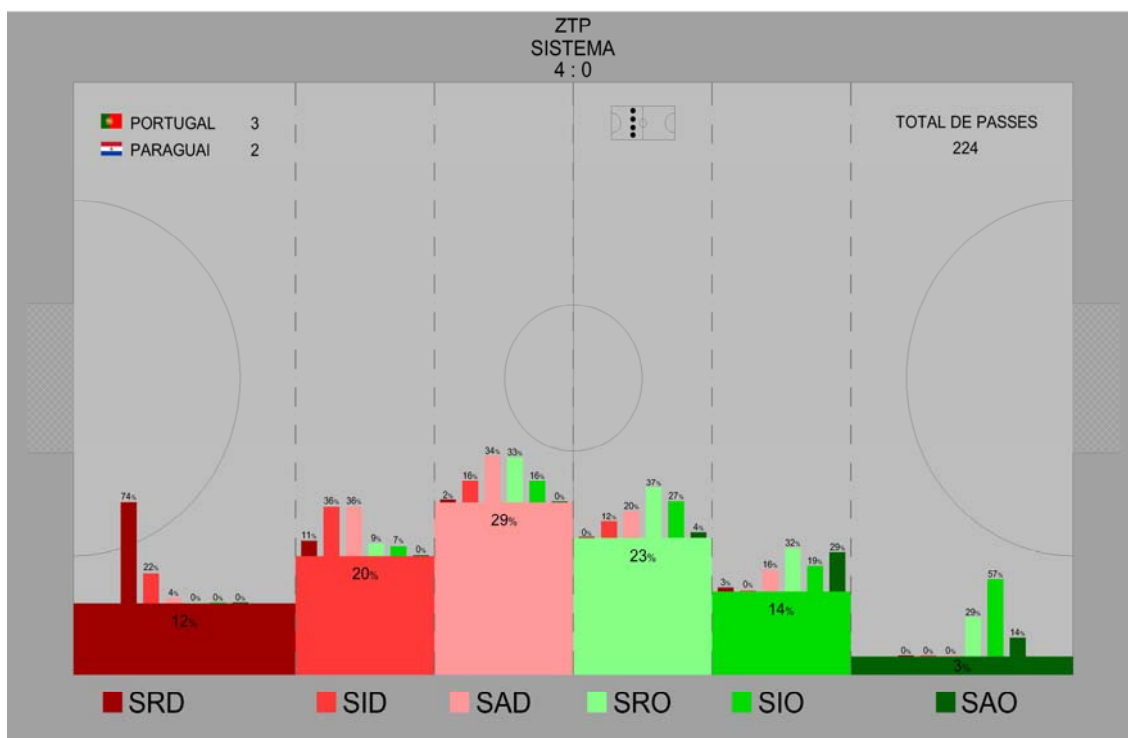


Figura 15 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 4:0, no confronto com a selecção do Paraguai.

Tirando um “retrato” rápido da Figura 16, percebe-se que, os sectores com maior percentagem de sequências de passes são: o SRD (24%) e o SAD (24%). Confere-se ainda que são estes mesmos sectores que apresentam uma maior percentagem (66% e 48%) de sequências de passe que se iniciam e terminam no mesmo sector.

A grande diferença entre o sistema 3:1 e o sistema 4:0, nesta partida, é que o sistema 3:1 evidencia um cariz mais acentuado de sequências de passes em profundidade ao contrário do sistema 4:0. Olhando para o SID vemos que (44%) dos passes que realizados deste sector para SRO. Verificamos também, que no SIO a maior percentagem (42%) de passes ocorre deste mesmo sector para o SAO.

Contempla-se a preocupação de avançar no terreno do jogo, com intuito de chegar a baliza adversária, para assim, estar mais próximo do gol.



Figura 16 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 3-1, no confronto com a selecção do Paraguai.

Analisando a Figura 17, conferimos que a maior percentagem (26%) das sequências de passes realizados nesta partida foram iniciados no SRD. Seguindo a análise, e continuando no mesmo sector, verificamos que a esmagadora maioria (63%) dos passes que se iniciaram nesse sector terminaram no mesmo, não havendo progressão da equipa na direcção da baliza da equipa adversária. Este sector é um espelho de todos os outros sectores, pois, em todos eles, a maior percentagem das sequências de passes que se inicia num determinado sector, termina dentro do mesmo sector. Com isto, apuramos que o jogo da selecção de Portugal, nesta partida e neste sistema de jogo, apresenta menos profundidade.

Consegue-se detectar com clarividência que a maioria das sequências de passe se efectuaram dentro do sector defensivo (64%).

Presencia-se a existência de uma pequena percentagem (28%) de sequência de passes, que se iniciam num sector e que terminam no sector mais próximo. Porém, é ainda menor a percentagem (8%) de sequências de passes que se iniciam num sector e terminam para além do sector mais

próximo. Há ainda a assinalar o facto de (21%) do passes terem o sentido defensivo.

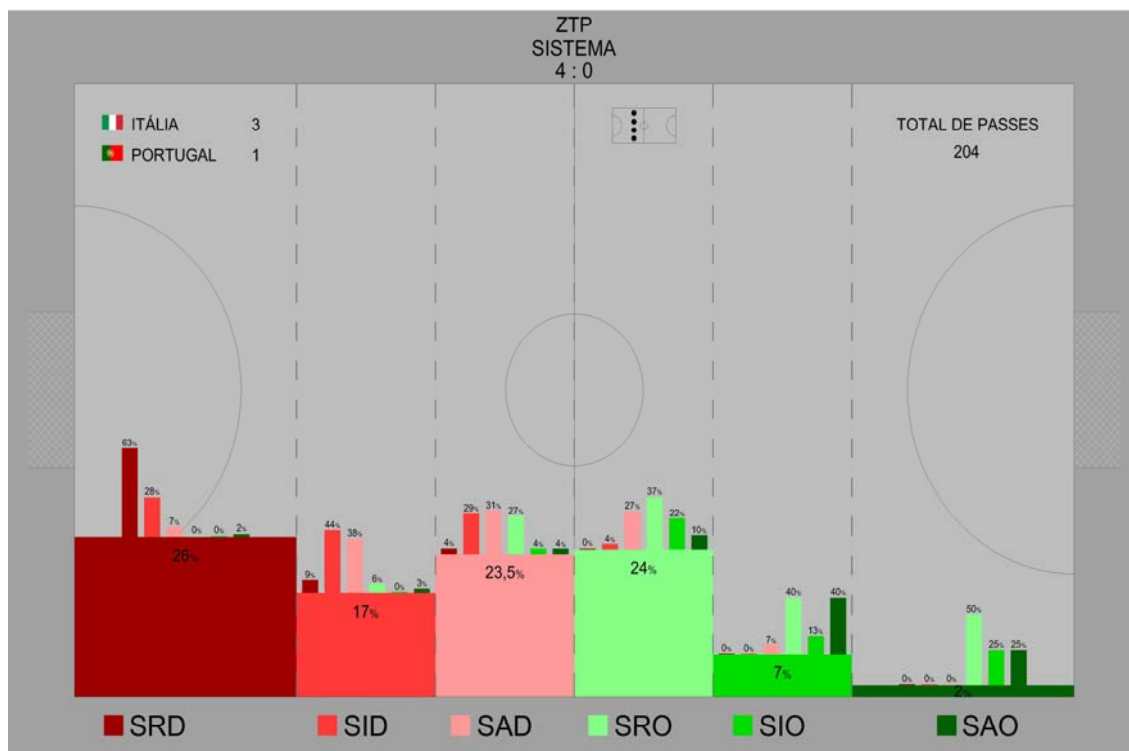


Figura 17 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 4:0, no confronto com a selecção de Itália.

Comparando a Figura 17 com Figura18, testemunha-se que o sector que apresenta uma maior percentagem (38%) de seqüências de passes é o SAD. Nesse sentido, essa é uma diferença relativamente ao sistema 4:0.

Relativamente aos outros factores analisados, verificamos que em tudo é igual ao sistema 4:0.

Constata-se que 46% das seqüências de passes dissecadas se iniciam e terminam no mesmo sector, mostrando uma vez mais, que não existe progressão na direcção da baliza adversária. No mesmo seguimento, vemos que existe 27% de seqüências de passe que se iniciam numa sector e terminam no sector imediata, por conseguinte a percentagem é ainda menor (6%), se falarmos de seqüências de passes que se iniciam num sector e terminam, não no sector mais próximo, mas em qualquer um que não seja o mais próximo nem o mesmo, no sentido ofensivo.

Existe uma preferência pela amplitude de jogo em relação à profundidade, ou seja, a progressão é feita de forma lenta não buscando de uma forma directa a baliza adversária.

Percebe-se que a selecção de Portugal joga maioritariamente (66,5%), nos sectores defensivos. No nosso entender, quanto mais longe da baliza, mais longe do golo.

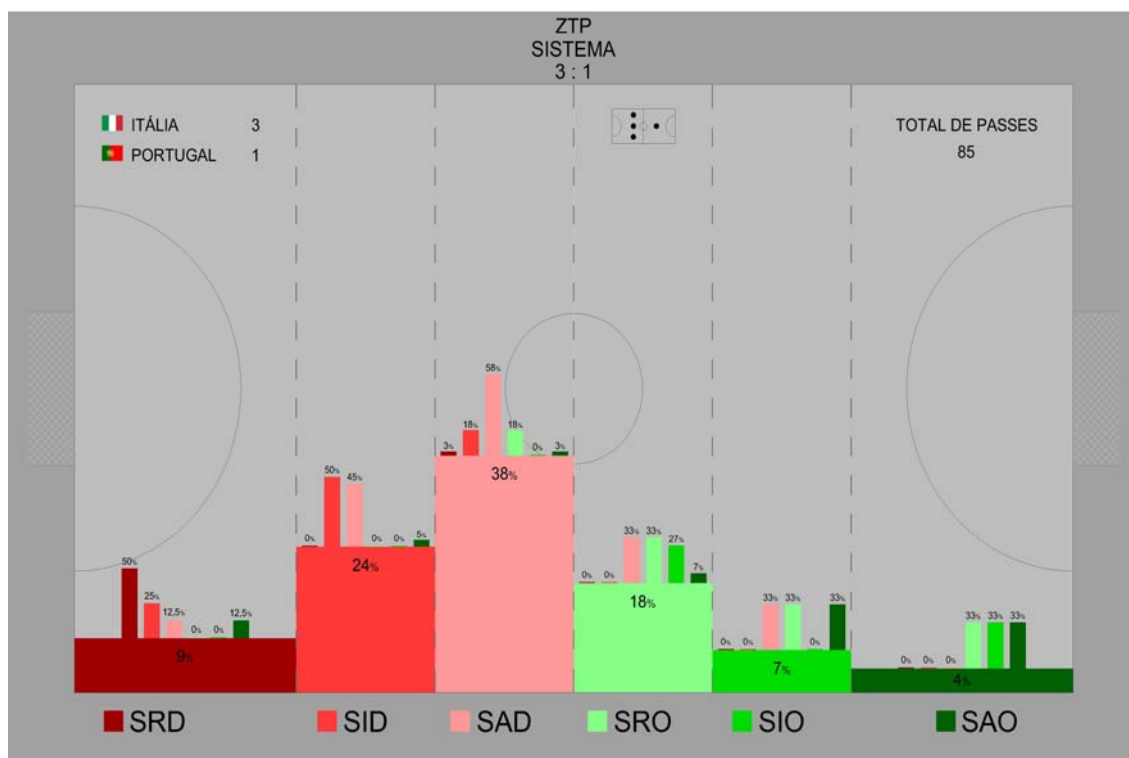


Figura 18 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Portugal, no sistema 3:1, no confronto com a selecção de Itália.

Depois da análise realizada das duas partidas, verifica-se que a selecção de Portugal situou o seu jogo nos sectores mais recuados contra a selecção de Itália. Entendemos que esta situação se deve, em grande parte, ao mérito alcançado pela selecção de Itália, à grande pressão e adiantamento que esta colocou nas suas linhas defensivas no decorrer do jogo. Já no sentido contrário, verificamos que a selecção de Portugal conseguiu fazer avançar o seu jogo para sectores mais próximos da baliza adversária na partida contra a selecção do Paraguai que, apesar de ser uma selecção forte, não apresenta os mesmos argumentos que a selecção de Itália.

Este tudo bem corroborar o estudo efectuado Matos (2002), que refere que Portugal apoia o seu jogo em sequências de passes curtos.

4.2 - Resultados das acções ofensivas (ataque organizado) da selecção de Espanha

4.2.1 - Tempo de utilização dos diferentes sistemas durante o jogo

Verifica-se através da Figura 18, que a selecção de Espanha, no jogo contra a selecção da Rússia manteve, durante toda a partida, em campo um jogador com característica de pivô, jogando no sistema 3:1 durante todo a partida.

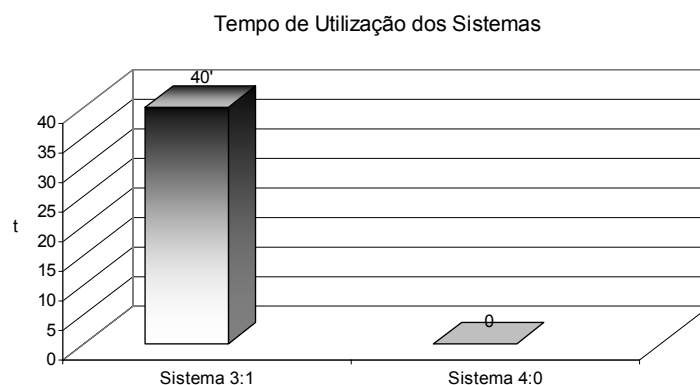


Figura 19 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção de Espanha no jogo contra a selecção da Rússia.

Reconhece-se através da Figura 20, que a selecção de Espanha, suporta de uma forma bastante significativa (91%) o seu jogo no sistema 3:1, em detrimento do sistema 4:0 (9%). Este é um dado que, juntamente com a Figura 18, denuncia de forma elucidativa que a selecção de Espanha aposta o seu jogo no sistema 3:1, em detrimento de que qualquer outro sistema. Esta constatação contraria Sampedro (1997) e Oliveira (2004), que afirmam que a selecção de Espanha recorre preferencialmente ao sistema 4:0. Com isto, percebe-se que a selecção espanhola alterou o sistema de jogo.

É certo que o sistema 3:1 varia nas suas características, dependendo das características de um elemento, que no nosso entender é a chave deste sistema, o pivô. Se este é mais móvel, o sistema transforma-se num sistema mais dinâmica, se pelo contrário ele não é tão móvel, esta é um

sistema mais estática. Na selecção de Espanha, visualiza-se esta situação, devido às diferentes características dos seus pivôs.

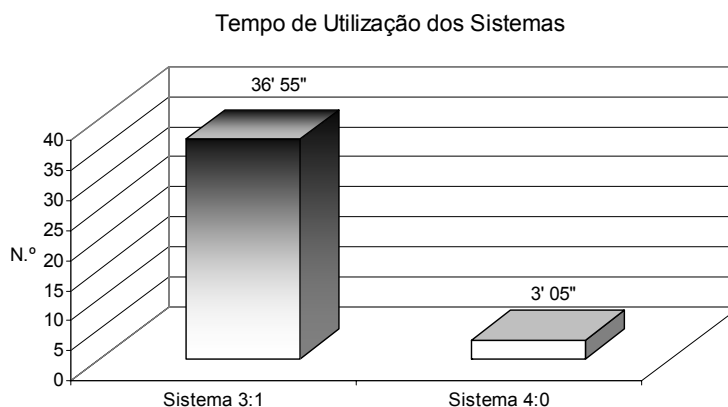


Figura 20 – Tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 da selecção da Espanha no jogo contra a selecção de Itália.

4.2.2 – Número de ataques organizados, remates e golos

Como vimos anteriormente, a selecção de Espanha, não realizou qualquer acção de jogo, num sistema que não fosse o 3:1. Através da Figura 21, percebemos de forma clara, que não existem dados que permitam comparar os sistemas, verificam-se sim, dados referentes ao único sistema utilizado.

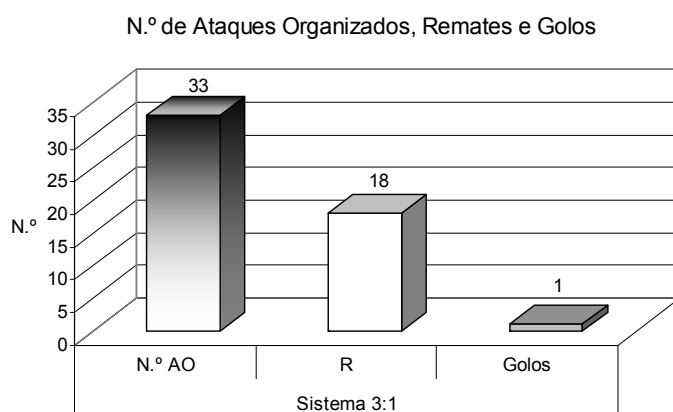


Figura 21 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Rússia.

No confronto Espanha vs Itália, a selecção de Espanha não utilizou só um sistema de jogo, mas sim dois. No entanto, a reduzida percentagem (9%)

do tempo de jogo que esta mesma selecção apresentou no sistema 4:0, não foi suficiente para recolher dados significativos para aquilo que nos propomos a analisar como se pode verificar através da Figura 22.

Confrontando os dados dos dois jogos, averiguamos que não existem diferenças significativas entre o número de ataques organizados, realizados nos diferentes jogos. Relativamente ao número de remates, verifica-se que a selecção de Espanha realizou o dobro dos remates ($n=18$) na partida que a opôs à congénere da Rússia. Acreditamos que este facto se deve à selecção da Rússia ser uma selecção que pressiona menos que selecção da Itália, e as suas linhas defensivas serem mais recuadas. Quando olhamos para o número de golos, observa-se que em ambas as partidas a selecção de Espanha conseguiu um único golo em ataque organizado. De registar que o jogo, na sua etapa regulamentar ($t=40'$), terminou empatado a um golo. Os dados retirados para análise são única e exclusivamente pertencentes aos quarenta minutos da fase regular do jogo.

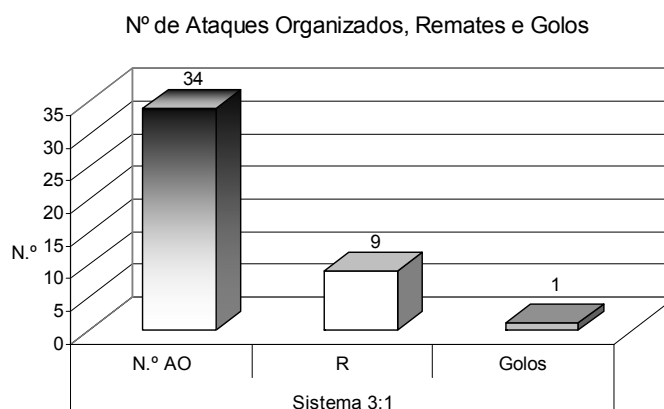


Figura 22 – Número de ataques organizados, remates e golos da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Itália.

4.2.3 - Número de passes nos diferentes sistemas de jogo em ataque organizado

Verificando o N°PAO ($n=164$) na Figura 23, parece-nos que este é um valor reduzido. No entanto, sabemos que valor pode ter como explicação o facto da selecção da Rússia, ter optado, em determinado momento do jogo, por colocar 5x4. Limitando assim a acção dos jogadores da selecção de Espanha a

uma função defensiva, saindo em esporádicos contra-ataques ou ataques rápidos, ou mesmo rematando directamente à baliza.

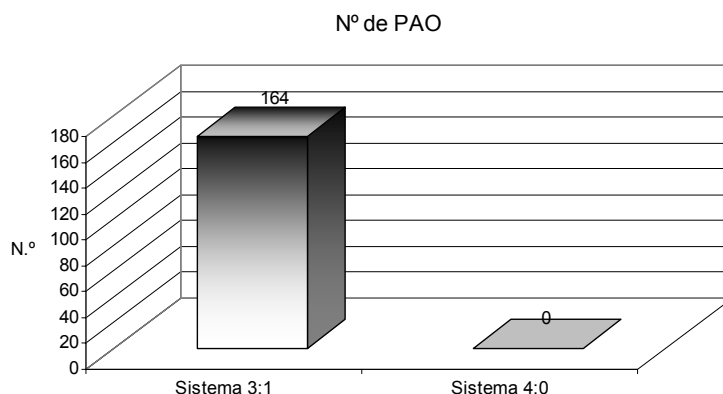


Figura 23 – Número de passes em ataque organizado da selecção da Espanha no jogo contra a selecção da Rússia.

Observando a Figura 24, conferimos que o número de sequências de passes (n=240) sobe relativamente ao jogo contra a selecção da Rússia. Com isto, podemos deduzir que a selecção de Espanha teve mais necessidade de ficar com a bola, pois esta defrontava uma selecção bastante forte (selecção de Itália), numa fase muito avançada da prova (meia-final), e de alguma forma tinha de “esconder” a bola do poderio desta. De salientar que a selecção de Espanha se encontrou a ganhar desde muito cedo, até a mais de meio da 2ª parte.

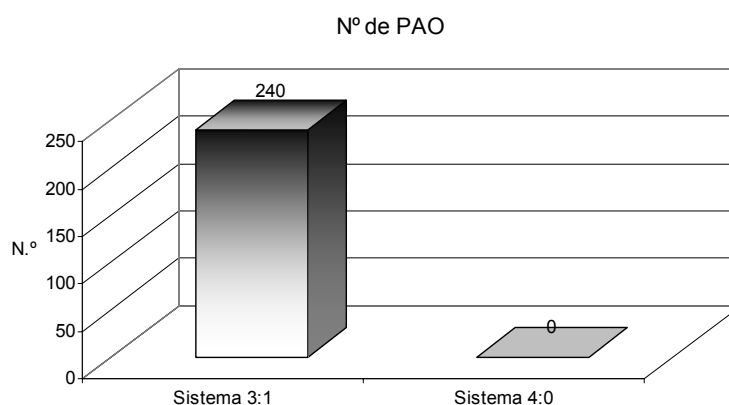


Figura 24 – Número de passes em ataque organizado da selecção da Espanha no jogo contra a selecção de Itália

4.2.4. – Média do número de passes e tempo de ataque organizado nos diferentes sistemas

Pela análise da Figura 25, verificamos que a selecção de Espanha no jogo que a opôs a congénere russa conduziu o seu ataque organizado apoiada numa sequência de passes curtos, utilizando em média 5 sequências de passe para terminar o seu ataque. No entanto, sabe-se que esta produziu como número máximo 13 sequências de passes antes de terminar o ataque, e como mínimo 3 com um desvio padrão de 2 sequências de passes. Por aí, percebe-se a objectividade e a profundidade do jogo da selecção de Espanha, na forma como procura a baliza adversária.

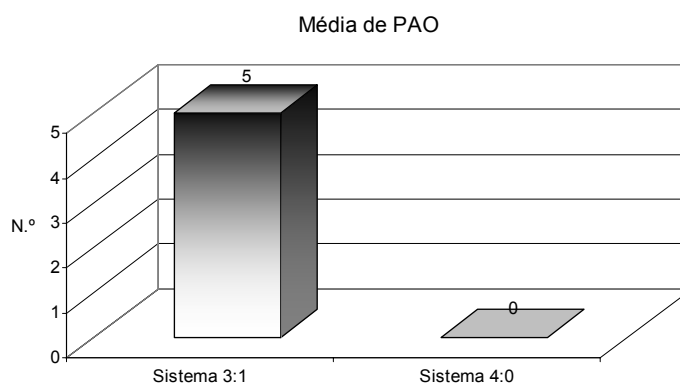


Figura 25 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Espanha contra a selecção da Rússia.

No que se refere ao tempo de realização de ataque organizado, verifica-se através da Figura 26, que a selecção espanhola leva, em média 12 segundos para terminar o seu ataque organizado. Sabe-se, porém, que esta, tem como tempo máximo de realização de ataque organizado 31 segundos, mínimo 4 segundos e um desvio-padrão de 7 segundos.

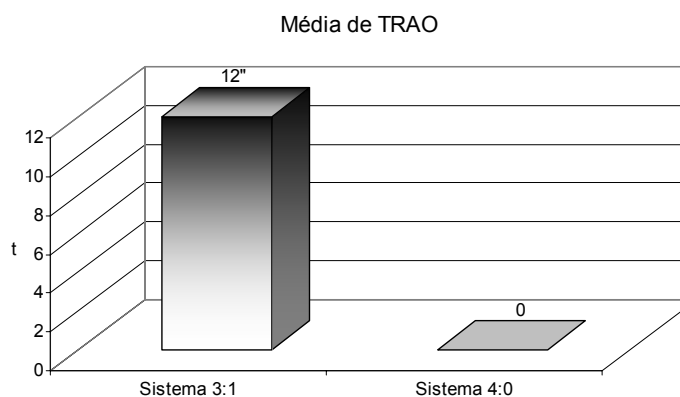


Figura 26 – Média do tempo de realização de ataque organizado da selecção de Espanha contra a selecção da Rússia.

Quando se observa a Figura 27, percebe-se que a selecção de Espanha continua a conduzir o seu ataque organizado com uma sequência de passes curta. No entanto, verifica-se que a média de sequências de passes em ataque organizado sobe para 7, máximo 20, mínimo 4 e o desvio padrão para 4. Percebe-se que nesta partida a selecção de Espanha, aumenta o número de sequências de passes. Acreditamos que esta situação se deve, a tudo aquilo que já foi explicado na Figura 23.

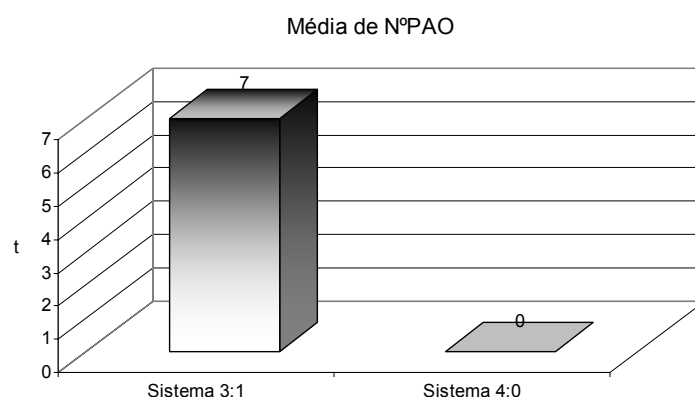


Figura 27 – Média do número de passes em ataque organizado da selecção de Espanha contra a selecção Itália.

Quando se analisa a Figura 28, verifica-se que o tempo médio de realização de ataque organizado aumenta. É do nosso conhecimento que a selecção de Espanha, neste jogo, gastou em média 19 segundos, máximo 49, mínimo 7 e desvio padrão 11 segundos. Acreditamos, que as razões que levam a tal comportamento se devem, à fase avançada da prova (meia-final). A juntar a isto, a selecção de Espanha viu-se a ganhar na partida desde muito cedo e durante muito tempo.

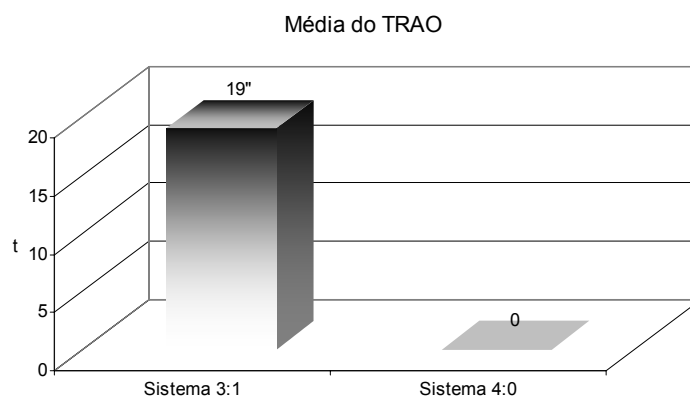


Figura 28 – Média do tempo de realização de ataque organizado da selecção de Espanha contra a selecção de Itália.

Relativamente a selecção de Espanha vemos que a média do número de passes aumentou, tal como o tempo médio de ataque organizado. No nosso entender, isso sucede porque a selecção espanhola passou para a frente do marcador logo no início da partida. Esta vantagem prevaleceu até meio da segunda parte. Admitimos que a selecção de Espanha, tentou fazer posse de bola, “escondendo” a mesma dos italianos, evitando assim que estes pudessem fazer o golo, visto que esta era uma fase bastante avançada da prova, onde não haveria futuros jogos para recuperar pontos perdidos.

4.2.5 – Zonas de efectuação do passe

Pela análise da Figura 29, percebe-se, desde logo, que exceptuando o SRD, que não apresenta sequências de passes desse mesmo sector para o SRO. Todos os outros sectores contemplam sequências de passes para totalidade dos sectores que encontram no sentido ofensivo em relação ao próprio sector.

Conferindo ainda a mesma figura, analisamos que a maior percentagem de sequências de passe (26%) ocorre SAD, seguindo-se SRO (24%) e o SIO (17%). Entende-se, que dois dos três sectores onde existem mais sequências de passe estão no sector ofensivo, mostrando vontade de aproximação da baliza adversária e ao mesmo tempo, afastar a bola da própria baliza. Se continuarmos a olhar com atenção para a figura e os sectores que esta representa, percebemos que só no SAD existe uma notória percentagem de passes (40%), realizados dentro da mesma zona, ou seja, sequências de passes que privilegiam a amplitude em vez da profundidade. Por outro lado, vemos que todos os outros sectores apresentam sequências de passes no sentido ofensivo, com a preocupação de dirigir passes para o que o sector que se encontra mais avançado e próximo da baliza adversária (SAO), desde do SRD (11%), SID (9%), SAD (14%), SRO (23%) até SIO (39%), isto traduz a profundidade e objectividade, em que assenta o jogo da selecção espanhola, arriscando passes para além de um sector.

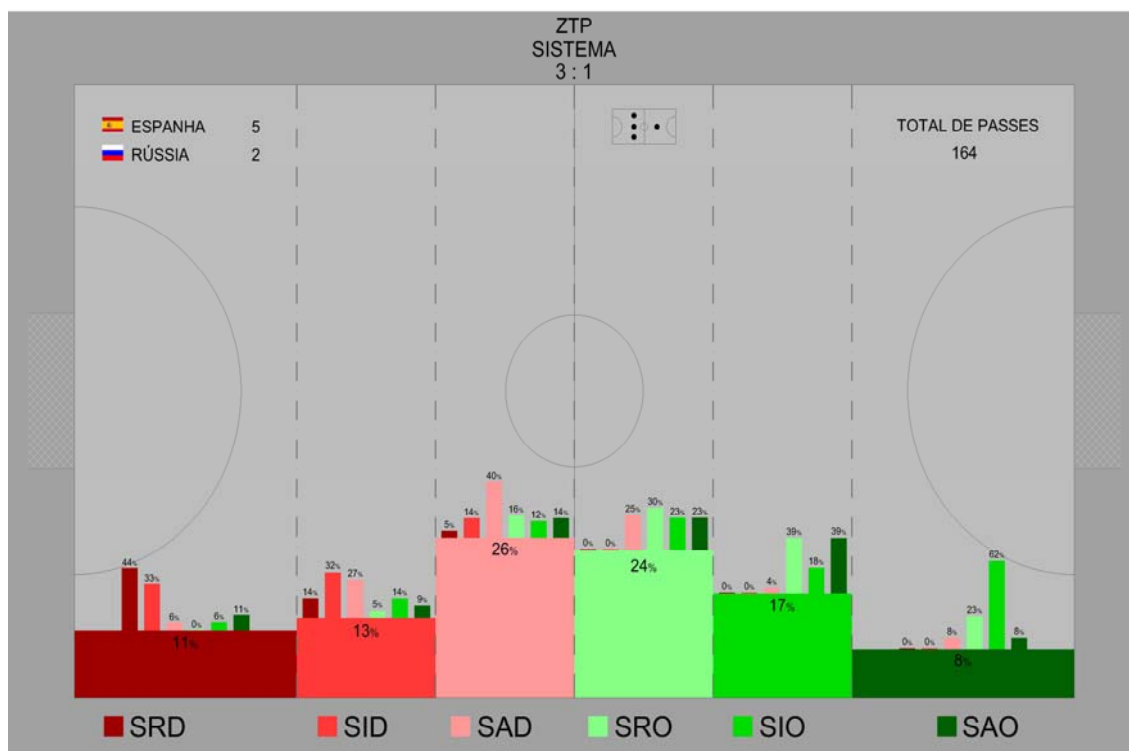


Figura 29 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Espanha, no sistema 3:1, no confronto com a selecção da Rússia.

Examinando a Figura 30, podemos constatar que existe alguma semelhança com Figura 28, em que os sectores que apresentam maior percentagem de sequências de passe, SAD (31%), SRO (26%), SRD (14%) e um pouco menos que este último, SIO (13%). Conforme ocorreu contra a selecção da Rússia, o SAD e o SRO, são os que apresentam uma percentagem mais elevada de sequências de passes. No entanto, neste caso, aparece como terceiro, na percentagem de sequências de passes, o SRD. cremos que esse factor se deve ao mérito da selecção italiana, que com a sua pressão obrigou a selecção espanhola a começar o seu jogo no sector mais recuado. Contudo, podemos ver que esta tenta sair desta zona defensiva com passes que procuram todas os espaços ofensivos (SID=18%, SAD=9%, SRO=24%, SIO=9% e SAO=9%).

Verifica-se uma vez mais que esta selecção procura realizar passes de quase todos os sectores do campo para o SAO, excluindo SID, que não apresenta sequências de passe para o sector referido, todos os outros apresentam sequências de passes para a área referida. Comprova-se que em todos os sectores, a soma das sequências de passe no sentido ofensivo (n=90)

é superior à dos realizados dentro mesmo sector (n=70). Isto comprova a profundidade em detrimento da amplitude, na orientação do jogar da selecção espanhola.

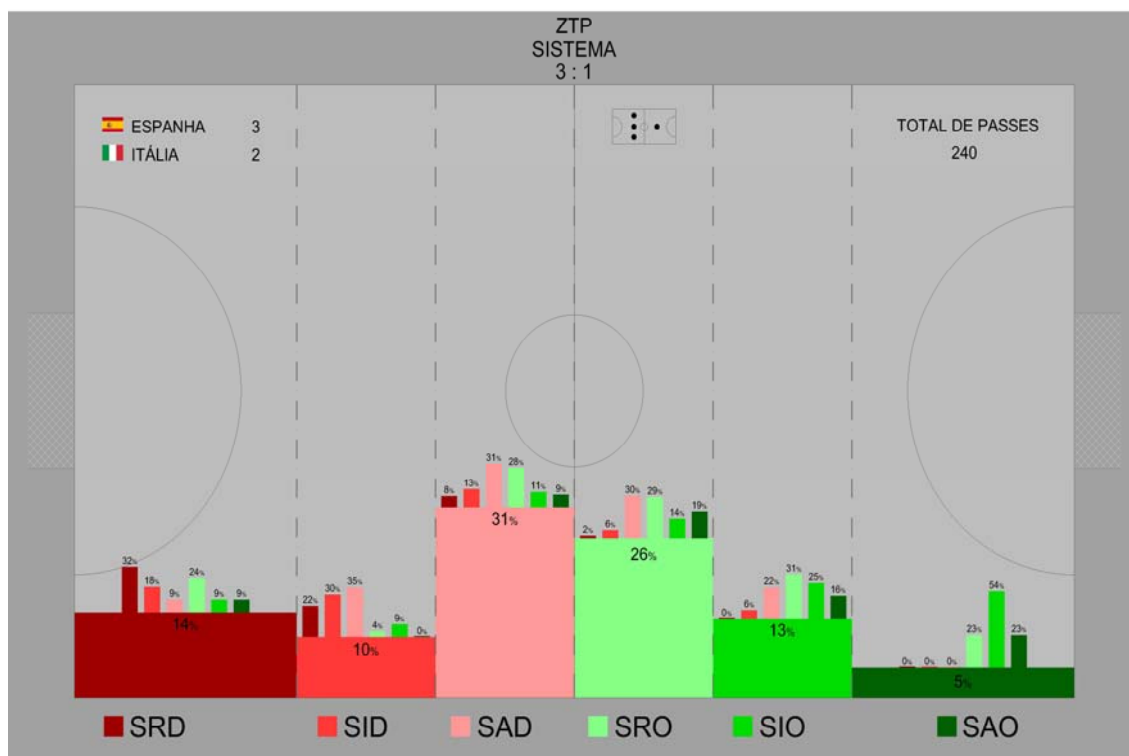


Figura 30 – Zonas de transmissão do passe da selecção de Espanha, no sistema 3:1, no confronto com a selecção de Itália.

Constata-se através das figuras 29 e 31, que selecção de Espanha realiza com frequência passes longos em profundidade, corroborando assim o estudo de Matos (2002), que verifica que selecção espanhola produz sequências de passes arriscadas, ou seja, passes que efectuem trajectos mais longos, em detrimento de um jogo seguro de passes curtos.

4.3 – Comparação dos resultados das acções ofensivas (ataque organizado) das selecções de Portugal e de Espanha

4.3.1 - Tempo de utilização dos diferentes sistemas de jogo

Através da Figura 31, constata-se que a selecção de Espanha utilizou o sistema 3:1, maioritariamente (96%) no conjunto dos dois jogos, já Portugal utiliza preferencialmente o sistema 4:0 (72%) em detrimento do sistema 3:1

(28%). Reconhece-se que estas duas selecções são bastante distintas no que se refere à preferência que é dada ao sistema de jogo.

Segundo Voser (2001) e Matos (2002), o sistema 4:0 é mais utilizado pelas equipas mais representativas da modalidade, esta afirmação não vai de encontro ao nosso estudo, pois a selecção de Espanha é a actual campeã da Europa e vice campeã do Mundo e utiliza maioritariamente o sistema 3:1.

Não sendo objecto de estudo, sabe-se porém, que a selecção do Brasil, actual campeã do Mundo utiliza preferencialmente o sistema 3:1.

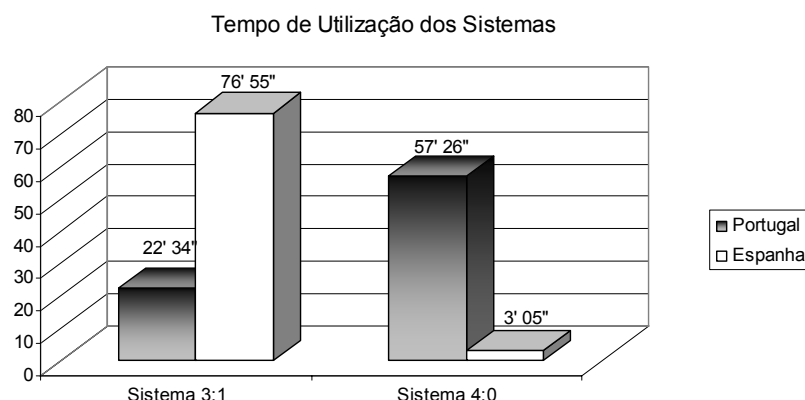


Figura 31 – Comparação do tempo de utilização dos sistemas 3:1 e 4:0 das selecções de Portugal e Espanha, contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.

4.3.2 – Número de ataques organizados, remates e golos

Como já vimos anteriormente, a selecção de Espanha, apesar de ter utilizado o sistema 4:0 por breves minutos, não produziu ataques organizados, por consequência não produziu remates nem golos.

Analisando a Figura 32, conseguimos ver que selecção espanhola se superioriza em todas as variáveis relativamente ao sistema 3:1 de Portugal. Já no que refere ao sistema 4:0, não existem dados da selecção espanhola para que se possa fazer a comparação com o sistema 4:0 da selecção de Portugal.

No entanto, se fizermos o somatório das variáveis nos diferentes sistemas, vemos que Portugal produziu um maior número de ataques organizados e remates que a selecção de Espanha, porém esta superioriza-se no número de golos.

Mais uma vez, verifica-se que os dados recolhidos neste estudo contradizem Fernandes (2003), pois este afirma que a selecção de Espanha finaliza mais que a selecção de Portugal.

Sabe-se que a selecção de Portugal, no sistema 3-1, produz em média 0,65 remates por sequência de ataque organizado. Já no sistema 4:0, esta gera 0,41 remates, por sequência de ataque, e têm como desvio padrão 0,49 e 0,53 remates por sequência de ataque organizado, respectivamente. Quando verificamos o sistema 3:1 de Espanha, constata-se que esta produz em média, 0,42 remates e tem como desvio padrão 0,5 remates, por sequência de ataque. Verifica-se que, para ambos, o valor mínimo é 0, máximo 1, exceptuando o sistema 4-0, que tem como máximo 2 remates por sequência de ataque.

Ainda de salientar que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$)

. Como pode constatar-se a selecção de Espanha só utilizou por escassos momentos a estrutura 4:0. No entanto, durante o tempo que a selecção espanhola utilizou este sistema não foram registados dados referentes às variáveis pretendidas.

Comparando esta investigação com o estudo realizado por Oliveira (2004), verifica-se que selecção espanhola passa da utilização de vários sistemas de jogo, para utilização de um único sistema de jogo.

Com isto, percebe-se que a selecção de Espanha mudou o seu sistema de jogo

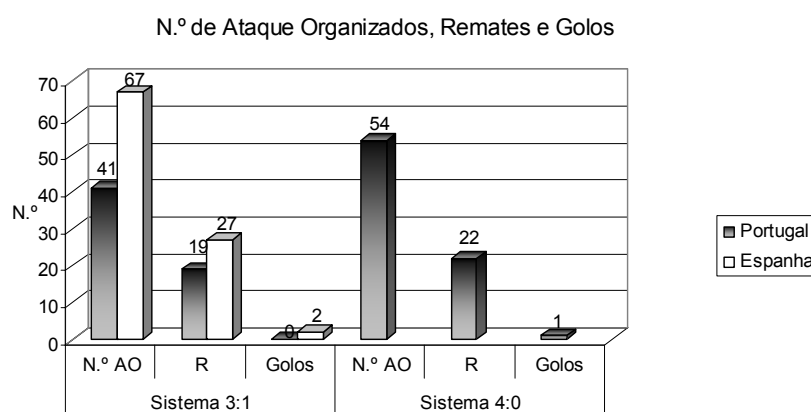


Figura 32 – Número de ataques organizados, remates e golos das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.

Como analisado anteriormente através da Figura 32, a selecção de Portugal produz um maior número de remates que a selecção de Espanha. No

entanto, no que se refere aos número de golos, verifica-se que a selecção de espanhola tem maior eficácia que a selecção portuguesa. Esta constatação vai de encontro estudo efectuado por Matos (2002), que faz exactamente a mesma constatação.

4.3.3 - Número de passes nos diferentes sistemas de jogo em ataque organizado

Através da Figura 33, verifica-se que a selecção de Portugal realiza uma maior sequência de passes (n=634), no total, que a selecção de Espanha (n=428). Por aqui, podemos ver que quer a selecção de Portugal, quer a selecção de Espanha, mudaram a sua forma de abordar o jogo, pois no estudo efectuado por Fernandes (2003), este verifica que a selecção de Espanha realiza quase o triplo de sequências de passes em relação a selecção de Portugal. Se analisarmos com atenção os dados recolhidos neste estudo, verificamos que a tendência agora é Portugal produzir quase o dobro de passes em relação à selecção da Espanha.

Parece-nos que a selecção de Portugal opta preferencialmente por ter a posse de bola, já a selecção de Espanha busca de forma mais directa e objectiva a baliza adversária. Parece-nos ainda, que a selecção de Portugal prefere realizar sequências de passes mais em amplitude que em profundidade.

Há a salientar o facto da selecção de Portugal não conseguir passar a primeira fase do campeonato do Mundo. Assim sendo, os dados recolhidos são referentes a essa mesma fase. Já em relação à selecção da Espanha, estes referem-se à segunda fase de grupos, contra a selecção da Rússia, e às meias-finais contra a selecção de Itália.

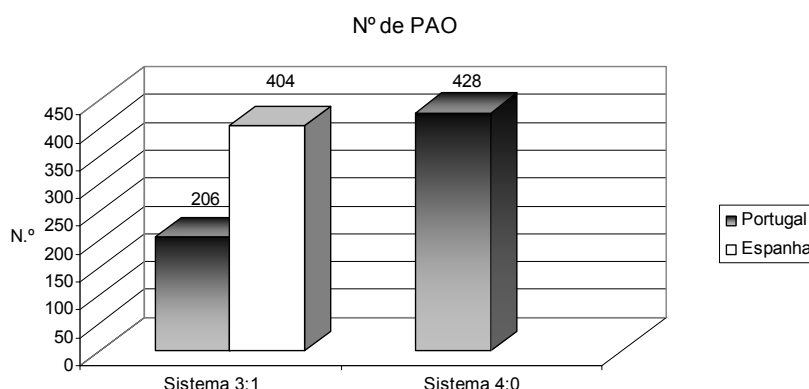


Figura 33 – Número total de passes em ataque organizado das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia, e Itália.

4.3.4. – Média do número de passes e do tempo de ataque organizado nos diferentes sistemas

Através da Figura 34, percebe-se que a selecção de Portugal realizou uma média superior de sequências de passe em ataque organizado, independentemente do sistema utilizado, relativamente à selecção de Espanha.

Sabe-se que Portugal produziu, em média, 7 passes em ataque organizado, e como sequência máxima 13, mínima 3 e um desvio-padrão de 3 sequências de passes. Já no sistema 4:0 os valores sobem, produz em média 8 sequências de passes, máximo 33, mínimo 4 e um desvio-padrão de 5 sequências de passe. No que se refere à selecção de Espanha, verifica-se que esta elabora os seus ataques organizados, em média, com 6 sequências de passe, máximo 20, mínimo 3 e tem como desvio-padrão 3 sequências de passe.

Mais uma vez, verifica-se que estas duas selecções modificaram a sua forma de jogar, pois no estudo efectuado por Fernandes (2003), este verifica que, em média, a selecção de Portugal produzia um menor número de passes em relação à selecção da Espanha.

Com isto, entendemos que a selecção da Espanha procura com maior objectividade e profundidade, a realização dos seus ataques organizados, ao contrário da selecção de Portugal, que é menos objectiva.

Mais uma vez, se verifica que o sistema 3:1 é aquele que produz em média um menor número de passes, ou seja, o mais objectivo.

Conseguimos ainda confirmar que existem diferenças estatisticamente significativas ($p=0,016$) entre o sistema 3:1 da Espanha e o sistema 4:0 da selecção de Portugal, no que se refere ao número de sequências de passe.

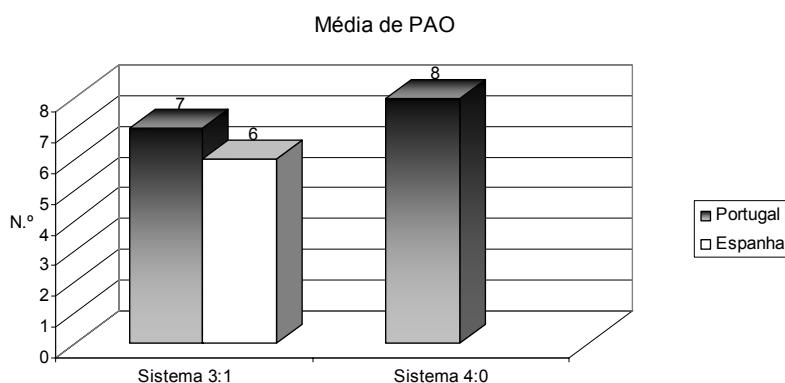


Figura 34 – Média do número de passes em ataque organizado das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.

Quando se compara os sistemas 3:1 e 4:0, das respectivas selecções, verifica-se que o sistema 4:0 gasta em média, mais tempo que a estrutura 3:1 seja qual for a selecção a jogar neste sistema.

É de nosso conhecimento, que a selecção de Portugal, no sistema 3:1, gasta em média 15 segundos, máximo 29 segundos, mínimo 4 segundos e tem como desvio-padrão 0,06 segundos, por sequência de ataque organizado. Quando se verifica o sistema 4:0, constata-se que estes valores se elevam, média, 8 segundos, mínimo 6 segundos, máximo 1,24 minutos e um desvio-padrão de 17 segundos. Já a selecção de Espanha usufrui, em média, de 15 segundos para desenvolver uma ataque organizado, máximo 49 segundos, mínimo 4 segundos e tem como desvio-padrão 9 segundos.

Apesar dos valores obtidos serem distintos, não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) entre os diferentes sistemas das selecções.

De salientar que, mais uma vez, as selecções apresentam valores médios de ataque, diferentes dos que apresenta Fernandes (2003), no seu estudo, este afirma que a selecção de Portugal é aquela que termina os seus ataques mais rapidamente, o que não acontece neste estudo. Quando se observa o estudo realizado por Oliveira (2004), verifica-se que a média de tempo de ataque organizado da selecção espanhola não muda muito; passa de 14 segundos para 15 segundos.

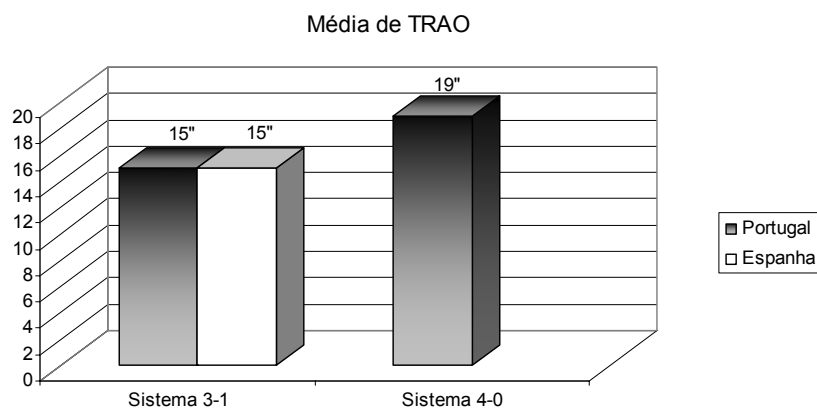


Figura 35 – Média de tempo realizado em ataque organizado das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.

Segundo apurou Oliveira (2004) no seu estudo, a selecção da Espanha efectua em média, 5,8 passes e gasta 14, 01 segundos, em cada sequência de ataque organizado. Quando analisamos o presente estudo, consta-se que estes valores sobem. No entanto, as alterações são muito reduzidas comprando a uniformidade do jogo de Espanha nos últimos anos.

4.3.5 – Zonas de transmissão do passe, comparação entre as selecções

Analisando a Figura 36, verificamos que a selecção de Portugal realiza 39% das sequências de passes dentro do mesmo sector. No que se refere a Espanha, esta realiza somente 30%. No entanto, se averiguarmos os passes no sentido ofensivo onde difere mais que um sector, vemos que a selecção espanhola efectua passes mais longos, profundos, verticais no sentido do ataque (19%) relativamente à selecção portuguesa (9%). Assim, afere-se que a selecção portuguesa utiliza preferencialmente um jogo curto, mais em amplitude, não procura de uma forma directa a baliza adversária, ao contrário da selecção de Espanha, que é mais objectiva, procurando dar profundidade no seu jogo, no sentido de chegar mais rapidamente à baliza adversária.

Como se verifica na figura, Portugal opta por uma passe mais curto, ou seja, de menos riscos, ao contrário de Espanha.

Esta investigação vai de encontro ao estudo efectuado por Matos (2002), que verifica que a selecção de Portugal apoia o seu jogo em passes curtos, ao contrário da selecção da Espanha, que chega a efectuar o dobro de passes longos comparativamente com a selecção de Portugal.

Segundo Hughes (1994), quem realiza um passe com sucesso vai ganhado confiança, quem falha um passe, perde de imediato toda a confiança que tinha anteriormente. Esta poderá ser uma das razões porque Portugal opta por um jogo mais apoiado e menos profundo.

	Portugal		Espanha
	Sistema 3-1	Sistema 4-0	Sistema 3-1
PDMS	91	169	120
PSODSUS	58	124	88
PSODMUS	15	37	77
PSD	42	98	119
Total	206	428	404

Legenda: PDMS – Passe dentro do mesmo sector; PSODSUS – Passe no sentido ofensivo onde difere só um sector; PSODMUS – Passes no sentido ofensivo onde difere mais que um sector; PSD – Passes no sentido defensivo.

Figura 36 – Zonas de realização sequências de passe das selecções de Portugal e de Espanha, nos jogos contra as selecções do Paraguai, Rússia e Itália.

5 – Conclusões

Foi nosso propósito, evidenciar com o presente estudo, as diferenças existentes entre os sistemas 4:0 e 3:1, utilizados pelas selecções nacionais de Futsal de Portugal e da Espanha.

Nesse mesmo sentido foi nos dado a conhecer a amplitude, direcção, objectividade e profundidade dos sistemas 4:0 e 3:1 adoptados pela selecção e Portugal e Espanha.

Podemos constatar através das hipóteses que:

1 – Verifica-se que a selecção espanhola baseia o seu jogo ofensivo maioritariamente (96%), no sistema 3:1. A hipótese é válida.

2 - Tal como afirmávamos nesta hipótese, a selecção de Portugal utiliza preferencialmente a estrutura 4:0 (72%), nos jogos disputados. Assim sendo, considera-se a hipótese válida.

3 - Verifica-se que o tempo médio de posse de bola, em ataque organizado da selecção portuguesa, na estrutura 4:0, é superior ao da estrutura 3:1, utilizado pela selecção espanhola. No entanto, estatisticamente as diferenças não são significativas. A hipótese não é considerada válida.

4 – Constata-se que a selecção portuguesa realiza, na sua totalidade, um maior número de passes que a selecção espanhola, antes de terminar o ataque organizado. A hipótese é válida.

5 - A selecção de Portugal no sistema 4:0 gasta em média, nas diferentes sequências ataque organizado, mais tempo que a selecção de Espanha no sistema 3:1. Apesar de o tempo ser superior, os dados não são estatisticamente significativos, por consequência a hipótese não é válida.

6 - A selecção de Espanha não produz o maior número de finalizações que selecção de Portugal, em ataque organizado, logo a hipótese é válida.

7 - A selecção de Espanha realiza uma maior percentagem de sequências de passe em profundidade, ou seja, para além do sector mais próximo, no sentido ofensivo, que a selecção de Portugal. A hipótese é válida.

8 – A selecção de Portugal, na sua estrutura 4:0, realiza mais passes dentro do mesmo sector do que a selecção de Espanha, no seu sistema 3:1. A hipótese é válida.

Com o término do estudo, conclui-se que a selecção de Portugal utiliza preferencialmente o sistema 4:0, produzindo um maior número de sequências passe e necessita de mais tempo para realizar cada sequência de ataque organizado comparativamente com a selecção de Espanha.

Verifica-se que selecção de Portugal realiza um maior número de sequências de passe dentro do mesmo sector, ou seja, utiliza preferencialmente passes curtos em amplitude, em detrimento de passes longos em profundidade.

Comparando as duas selecções, constata-se que a Espanha realiza de forma mais objectiva o processo ofensivo em ataque organizado. Utiliza um maior número de sequências de passes longos em profundidade, comparativamente com a selecção de Portugal.

7 – Sugestões para Futuros Trabalhos

A realização de qualquer estudo, esclarece tantas questões como aponta outras e, sobretudo, suscita o interesse por saber mais, aprofundando assim o conhecimento.

Nesse sentido, acreditamos ser pertinente realizar um estudo que dê continuidade a este mesmo trabalho, apurando de forma mais profunda as diferenças existentes entre os sistemas 3:1 e 4:0.

Por exemplo:

- Realizar um estudo semelhante, aumentando o número de variáveis, tal como a amostra;
- Verificar quais os sistemas mais utilizados na liga portuguesa e espanhola, descrevendo as principais diferenças entre esses mesmos sistemas.

8 – Referências Bibliográficas

- 📖 Alves, J. & Araújo, D. (1996). Processamento da informação e tomada de decisão no Desporto. In *Manual de Psicologia do Desporto*. S.H.O. Sistemas Humanos e Organizacionais Lda., (pp. 361-288).
- 📖 Canastra, F. (2002). *O desenvolvimento das acções ofensivas finalizadas no Futsal. Estudo comparativo entre as Selecções Seniores Masculinas, no Torneio de Qualificação para o Campeonato Mundial de Futsal – Guatemala 2000*. Monografia de Licenciatura – 5º ano. FCDEF-UP. Porto.
- 📖 Chaves, J. & Amor, J. (1998). *Táctica y estrategia en Fútbol sala – situaciones de ataque e defensa*. Ed. Hispano europea.
- 📖 Bedola, A. (2003). *Estrategia táctica y técnica: definiciones, características y ejemplos de los controvertidos términos*. Disponível em: [www. Efdeportes.com](http://www.Efdeportes.com)
- 📖 Bellack, A.; Hyman, R.; Smith, F.; Kliebard, H. (1966). *The language of the classroom*. Theachers College. Columbia University Press. New York.*
- 📖 Carvalhal, C. (2002). *No treino de Futebol de rendimento superior. A recuperação é... muitíssimo mais que recuperar*. Braga: Edição do autor.
- 📖 Castelo, J.(1994). *Futebol – modelo técnico-táctico de jogo*. Edições FHM. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- 📖 Castelo, J. (1996). *Futebol – a organização do jogo*. Edição FHM. Lisboa.

- 📖 Fernandes, M. (2003). *O desenvolvimento das sequências ofensivas finalizadas em Futsal: Estudo comparativo entre as selecções Nacionais Seniores Masculinas de Portugal e Espanha no campeonato da Europa de Futsal – Itália 2003*. Monografia de Licenciatura – 5º ano. FCDEF-UP. Porto.
- 📖 Frade, V. (2005). Apontamento de aulas de metodologia de Futebol I. Faculdade de Desporto – Universidade do Porto.
- 📖 Garganta, J. (1995). Para um teoria dos Jogos Desportivos Colectivos. In *O Ensino dos Jogos Desportivos*. A. Graça & J. Oliveira, F. Tavares (Eds). CEJD/ FCDEF-UP, (pp.11-25).
- 📖 Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol – Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento – FCDEF-UP. Porto.
- 📖 Garganta, J. (2000). O treino táctico e da estratégia nos jogos desportivos. In *Horizontes e Órbitas no treino dos jogos desportivos colectivos*, (pp.51-60). Porto: FCDEF-UP
- 📖 Gomes, A., & Machado, J. (2001). *Futsal Metodologia e Planejamento na Infância e Adolescência*. Editora Midiograf. Londrina.
- 📖 Gowan, G.(1982). A análise do jogo. In *Futebol em Revista*, 11, (3), (pp.36-38).
- 📖 Greco, P. & Chagas, M. (1992). Considerações teóricas da táctica nos jogos desportivos colectivos. *Revista Paulista de Educação Física*, 6 (2), (pp.47-58).
- 📖 Gréhaigne, J. (1992). *L'organisation du jeu en football*. Ed. Actio leunard. Joinville-le-Pont. Paris.

- 📖 Hughes, C. (1994). *The football association coaching book of soccer tactics and skills (4th ed.)* Brithish Broadcasting Corporation and Queen Anne Press.
- 📖 Konsag, I. (1985). A formação técnico-táctica nos Jogos Desportivos. *Futebol em Revista*, 14, (4), (pp.41-45).
- 📖 Lozano, J. (2001). *El Fútbol Sala Pasado, Presente y Futuro. La evolución de las reglas, la técnica y los sistemas de Juego*. Editorial Gymnos. Madrid.
- 📖 Lozano, J.; Gutierrez, S.; Conde-Salazzar, M.; Rodrigo, J.; Barrio, E. (2002). *Táctica en alta competición*. Madrid: Federación Madrileña de Futbol Sala.
- 📖 Mangas, C. (1999). *Conhecimento declarativo no futebol: comparação entre desporto escolar e desporto federado*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- 📖 Matos, C. (2002). *Estudo exploratório da fase ofensiva entre as Selecções Brasileira e Espanhola do escalão sénior masculina de Futsal*. Monografia de Licenciatura – 5º ano. FCDEF-UP. Porto.
- 📖 Matos, C. (2002). A relação entre a qualidade do último passe e a eficácia das acções de finalização no Futsal. Estudo comparativo entre as Selecções Nacionais Seniores Masculinas de Portugal, Espanha e Brasil. Monografia de Licenciatura – 5º. FCDEF-UP. Porto.
- 📖 Matvéiev, L. (1986). *Fundamentos do treino desportivo*. Livros Horizonte. Lisboa.

- 📖 Moya, F. (1996). El concepto de táctica individual en los deportes colectivos. Ponencia presentada en el III Congreso Internacional de Entrenamiento Deportivo. Apunts. Educación Física Y Deportes, 51, (pp.16-22). Disponível em: www.efdeportes.com
- 📖 Oliveira, L.(1998). *Perfil de actividade do jovem jogador de Futsal/Cinco. Um estudo em atletas juvenis masculinos*. Dissertação de Mestrado, FCDEF – UP.
- 📖 Oliveira, F. (2001). *Conhecimento Processual da Tomada de Decisão em Orientação: comparação de jovens de diferentes níveis de mestria utilizando um simulador computadorizado*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- 📖 Oliveira, J. (2004). *Estudo comparativo das acções ofensivas entre as selecções Nacionais Seniores Masculinas da Espanha e da Ucrânia. Europeu de Itália 2003*. Monografia de Licenciatura – 5º ano. FCDEF-UP. Porto.
- 📖 Queiroz, C. (1986). *Estrutura e organização dos exercícios em futebol*. Ed. F.P.F. Lisboa.
- 📖 Sampedro, J. (1993). *Iniciación al Fútbol Sala*. Gimnos. Editorial. Madrid.
- 📖 Sampedro, J. (1997). *Fútbol Sala. Las acciones del juego. Analices metodológico de sistemas de juego*. Gymnos Editorial. Madrid.
- 📖 Sampedro, J. (1998). *Fútbol Sala - Las acciones del Juego – Análisis Metodológico de los Sistemas de Juego*. Editora Gymnos. Madrid.
- 📖 Silva, C. (2002). *Estudo comparativo de acções ofensivas com finalização entre equipas de níveis distintos da Divisão de Elite do Futsal Português*. Monografia de Licenciatura – 5º ano. FCDEF-UP. Porto.

- 📖 Souza, P. & Leite, T. (1998). *Iniciação Esportiva Universal 2. Metodologia da iniciação esportiva na Escola e no Clube*. Organizador: Passo, J. Editora VFMG.
- 📖 Tavares, F. (1994). O processamento de informação nos jogos desportivos. In *O ensino dos jogos desportivos*. A. Graça & J. Oliveira (Eds). CEJD/ FCDEF-UP, (pp.35-46).
- 📖 Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia nos desportos colectivos*. Livros Horizonte. Lisboa.
- 📖 Valdericeda, F. (1994). *Fútbol Sala: defesa, ataque e estratégias*. Gymnos Editorial. Madrid.
- 📖 Voser, R. (2001). *Futsal – Princípios técnicos e tácticos*. Editora Sprint. Rio de Janeiro.

*Obras de consulta indirecta.

9 – Anexos

Jogo:

Data

Ficha de Observação - Sistema 4-0

[illegible]

* é considerado que a equipa joga no sistema 4-0 sempre que não tenha um Pivot em campo

Jogo:

Data:

Ficha de Observação - Sistema 3-1

[illegible]

* é considerado que a equipa joga no sistema 3-1 sempre que tenha um Pivot em campo

Jogo:

Data:

Ficha de Observação

[illegible]

	1	2	3
TJPC- tempo de jogo com pivot em campo			

TJSPC - Tempo de jogo sem pivot em campo

Jogo:

Data:

Sistema 3-1

	SRD	SID	SAD	SRO	SIO	SAO
SRD						
SID						
SAD						
SRO						
SIO						
SAO						

Sistema 4-0

	SRD	SID	SAD	SRO	SIO	SAO
SRD						
SID						
SAD						
SRO						
SIO						
SAO						

